

P5 GRID

visão sinótica dos espaços/
territórios operados:
sistematização e
comparação gráfica

CAMPO LIMPO

CARTOGRAFIA DAS TERRITORIALIDADES CULTURAIS

P5 GRID

03-04-2017

ESCOLA DA CIDADE



ÍNDICE

3

INTRODUÇÃO

4 quadros dos produtos e atividades da pesquisa
9 grid: objetivos e ideias pertinentes

42

CONCLUSÕES E ENCAMINHAMENTOS

11

GRID:

reagrupamentos e novos cruzamentos agenciamentos
11 constelações
21 rede
22 tipos
27 grid

43

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

35

EXPOSIÇÃO: ESTUDO PRELIMINAR

35 conceituação
38 dispositivos
41 layout

44

EQUIPE ESCOLA DA CIDADE

45 Anexo

INTRODUÇÃO

O presente relatório corresponde à etapa **Visão Sinótica Dos Espaços/ Territórios Operados: Sistematização e Comparação Gráfica** (item I.A.V) dos Serviços de Pesquisa – Intervenção Educativa do contrato Elaboração de Projeto Arquitetônico da Unidade do Sesc Campo Limpo (contrato Nº 12.511), firmado entre a Associação Escola da Cidade – Arquitetura e Urbanismo e o Serviço Social do Comércio (Sesc).

Nomeada **grid**, esta etapa do trabalho, com seus produtos e resultados relatados neste documento, prevê como resultado a produção de material gráfico que, coligindo, sistematizando e confrontando entre si as informações obtidas nas fases precedentes, reúna — na forma de quadros sinóticos — argumentos e posições claras sobre o território e as territorialidades culturais levantadas, com o objetivo de fazer emergir padrões de regularidades que se possam construir entre as diversas manifestações e eventos que consubstanciam cada uma das territorialidades culturais mapeadas e analisadas. Ademais, encadeamento necessário ao desenvolvimento da pesquisa, tal material organizado em forma expositiva deve alimentar a etapa subsequente **cruzamento** — “devolução e crítica” — a se realizar com os grupos pesquisados, Sesc e o próprio grupo técnico que projeta a nova unidade Campo Limpo. Conforme previsto no **plano de trabalho**, foram realizadas as seguintes atividades e elaborados os produtos a elas inerentes:

—— sistematização das análises feitas nas outras etapas e escolha dos cruzamentos. Os produtos de cada parte do processo integram relações e agenciamentos diferentes em diversas perspectivas. Aqui será o momento de compreender e assumir estas relações;

—— desenvolvimento dos argumentos de cada quadro. Serão elaborados argumentos que favoreçam a melhor leitura através da definição dos elementos que deverão ser selecionados mostrados;

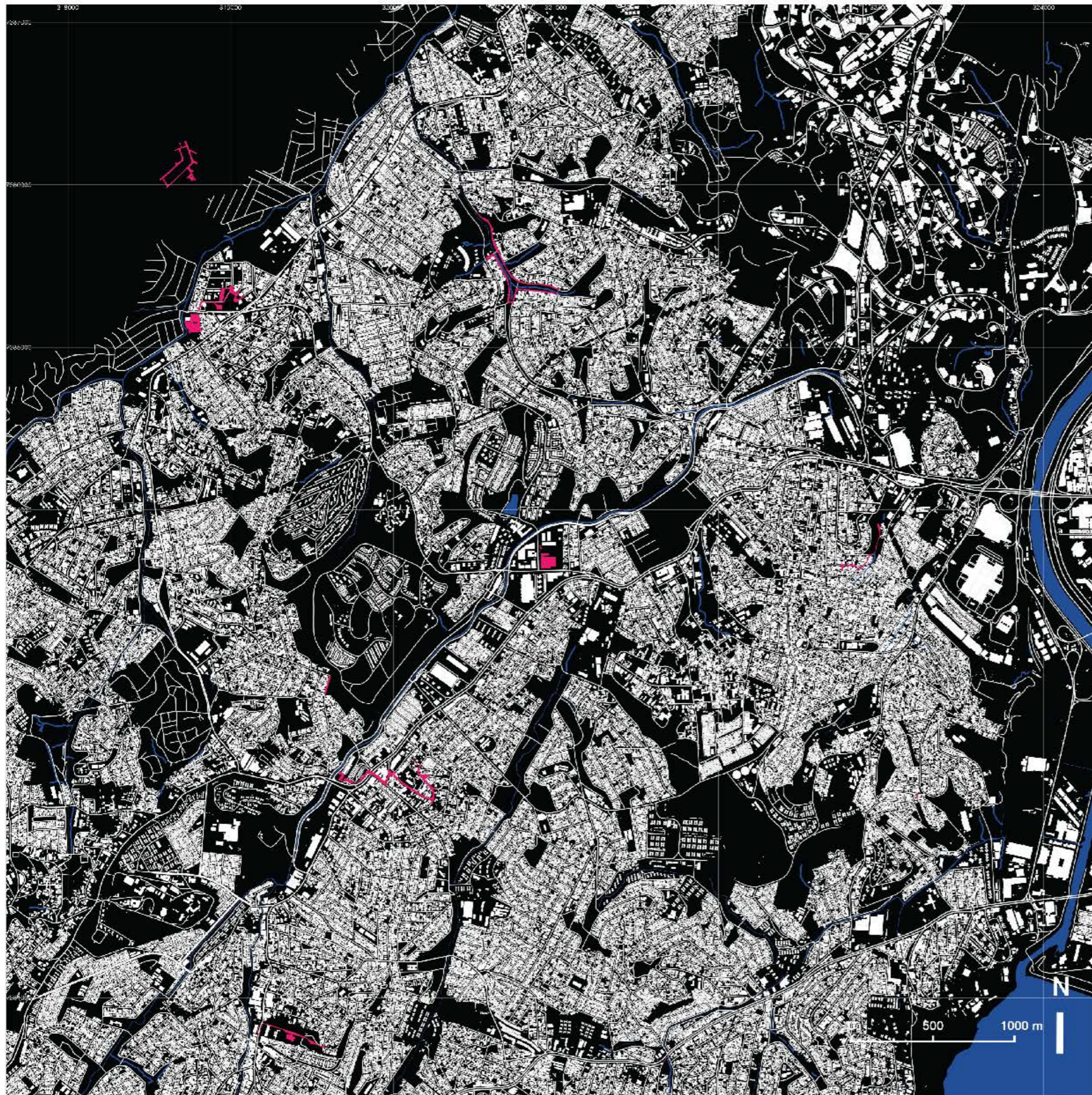
—— formatação e produção dos quadros, dividido por argumentos e/ou territorialidades. Serão organizadas uma série de informações em mapas, gráficos e textos para diferentes argumentos.

Além destes, o desenvolvimento de anteprojeto expositivo agrega-se também a este relatório.

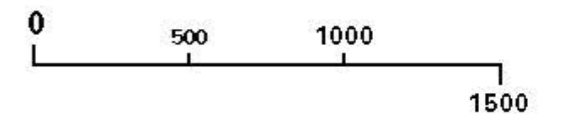
Para a continuidade deste relatório, foi necessário rever as etapas anteriores percorridas até aqui pela pesquisa das **territorialidades culturais** e ter clara a posição da atual etapa na linha de desenvolvimento, passado e futuro, do trabalho.

quadros dos produtos e atividades da pesquisa

produto/etapa	objetivo	atividades
1. plano de trabalho		
	caracterização urbano-territorial do distrito de Campo Limpo e definição de área de estudo	mapeamento e cruzamento de camadas constituintes: meio físico, infraestrutura, uso e ocupação do solo
2. constelação deriva, encontro, seleção não hierárquica dos estudos de caso	seleção preliminar de estudos de casos a partir de catalogação existente e/ou chamamento eletrônico	convocação Sesc reunião agentes
	mapeamento da condição urbana e arquitetônica de cada caso	levantamento de campo: desenho, foto, entrevista
3. rede vetores, escalas dos fluxos que atravessam	sistematização do mapeamento	representação iconográfica e textual das características físico-formais e socioculturais
	identificação dos fluxos de pessoas e informações que cada caso entretém com as diversas escalas urbanas	elaboração de diagramas de rede
4. tipo agrupamento por regularidade, repetição	construção de famílias tipológicas por espaço arquitetônico, por função, por inserção urbano-territorial	análise das informações para identificação de redundâncias classificação e construção de tipologia /categoria
5. grid visão sinótica das territorialidades e modos de operação	elaboração de matrizes gráficas para comparação visual das territorialidades-tipo	verificação de padrões regulares e sua recorrência inter e entre-tipos
6. cruzamento fertilização cruzada de possibilidades diretrizes/provocações	devolutiva aos grupos pesquisados das tipologias/categorias identificadas	



- Edificação
- Ruas
- Hidrografia
- Espaço dos Eventos

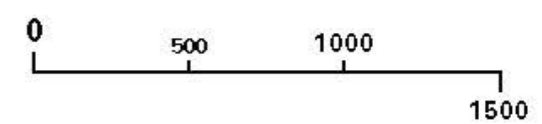


localização das territorialidades culturais e suas áreas de atuação

fonte: PMSP: SMDU, 2014



- Ruas
- Hidrografia
- Espaço dos Eventos
- Buffer 300-600m



áreas de abrangência
fonte: PMSP: SMDU, 2014

grid: objetivos e ideias pertinentes

A primeira noção de **grid** que aqui interessa explorar é a de estrutura potencial de construção e organização formal e de disseminação de informação visual. Nesse sentido, grid se apresenta como possibilidade de integrar, num mesmo espaço articulado, vários tipos de informação (SAMARA, 2007). A extração de categorias ou modos de agenciamento ou espaços-tempos das territorialidades culturais estudadas depende da identificação de regularidades que possam haver na combinação de fatos e fatores de inserção (constelação), de articulação (rede) e de configuração (tipo). Tal operação, de natureza cartográfica, pretende servir, à análise comparativa e à comunicação visual. Desse modo, encontra na figura e representação em grid seu meio e lógica de efetuação e expressão particularmente ao permitir a visada e o exame sinóptico dos dados e informações predominantemente gráficas. Como numa matriz, o confronto e comparação das linhas devem permitir inferir padrões espaciais e funcionais, operativos e relacionais comuns, e, assim, resultar em espécie de indicadores gráficos para a síntese e construção das diversas categorias ou agenciamentos “típicos” que se mostrem possíveis¹ ou compatíveis (e não apenas imagináveis) com a configuração e o funcionamento da nova unidade do Sesc.

Para avançar, cabe uma breve digressão teórica. Em seu livro de 2011, Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta, Didier Huberman segue e explora as possibilidades abertas pelo notável atlas Mnemosyne e de Aby Warburg, recuperando o sentido operativo da mesa (plate, tábola, table, tafel, lâmina), como suporte de trabalho (e encontro) que “pode ser continuamente retomado, modificado, senão mesmo recomeçado”:

“ É apenas uma superfície de encontros e disposições passageiras: nela se coloca e dela se tira, alternadamente, tudo quanto o seu ‘plano de trabalho’, como é usual dizer-se, acolhe sem hierarquia” (grifo nosso) (Huberman, 2011, p.180).

A junção de elementos heterogêneos permite a beleza-fratura, beleza-achado, onde a fortuidade dos encontros surpreendentes (da máquina de costura com o guarda-chuva na mesa de dissecação de Lautremont, por exemplo) encontram na mesa recurso estético e epistêmico sempre novo ou renovado, seja por corte, por reenquadramento, por dissecação (Id., ibid.). Forma visual do saber que reúne, imbrica, implica e inventa zonas de intervalo e de exploração heurística, “seu princípio, seu motor, mais não é do que a imaginação” (Id. Ibid., p.13). Imaginação como apreensão, não fantasiosa, nem apenas sensível (embora sempre pressuposta), “das

¹ HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss. São Paulo: Objetiva, 2009.

¹ que pode coexistir ou conciliar-se, ao mesmo tempo, com outro; compatível

^{1.1} fil. que, segundo Leibniz (1646-1716), é passível de coexistir de maneira integrada no mundo real como um conjunto de possibilidades concretas e realizadas, em contraste à justaposição de possibilidades imagináveis, porém incompatíveis na realidade objetiva.

relações íntimas e secretas entre as coisas, as correspondências e as analogias” (Id., *ibid.*), que não trata “nem de sistematizar (num conceito unificador), nem de descrever exclusivamente (num arquivo integral), nem de classificar de A a Z (num dicionário).” (Id. *Ibid.*, p.19). Mas, antes, suscitar pelo encontro uma transversalidade, um cruzamento entre dessemelhantes cujos vínculos não são evidentes.

Dissociação e aglutinação: a mesa (a prancha, o grid) seria então um lugar, um campo operatório privilegiado para reunir e apresentar, segundo novas configurações, a fragmentação, a heterogeneidade, a disparidade, a abertura a possibilidade ainda não dadas.

A vantagem ou a potencialidade conceitual e metodológica que a breve digressão Warburg-Huberman deixa apenas entrever, longe de qualquer eruditismo, colocam-se antes como provocação, como desafio, certamente desproporcional, ao nosso plano de trabalho e suas escalas. Mesmo com metas difíceis e talvez inalcançáveis, não podemos deixar de orientar e alimentar, mesmo por algo desconjuncto, a esta pesquisa (se-) propõe.

Sem a intenção de antecipar os resultados (provisórios, talvez ainda parciais), a revisitação da série de dados e informações trabalhadas sob o tema **constelações**, indica a fortuna do cruzamento e recombinação de layers ou camadas temáticas, ao produzir novas pistas (cartográficas) para a apreensão da realidade estudada. O procedimento para isso dá-se por divisão, justaposição e agrupamento das tipologias de territorialidades culturais — mapeadas e caracterizadas em suas singularidades, pelas operações das quais resultam ou das quais derivam, assim como, pelos traços ou qualidades expressivas que lhes correspondem.

Rede retoma pela confrontação e cruzamento entre “séries geográficas” de pares, não dicotômicos, nem sempre complementares, mas definidores de posições políticas ou de valores práticos e simbólicos:

- prá lá / prá cá da ponte
- campo limpo / capão redondo
- arte / cultura
- indivíduo/ instituições (na configuração das redes de apoio)

Tipo separa a territorialidades culturais, desde logo, em duas séries espaço-temporais: sedes e eventos.

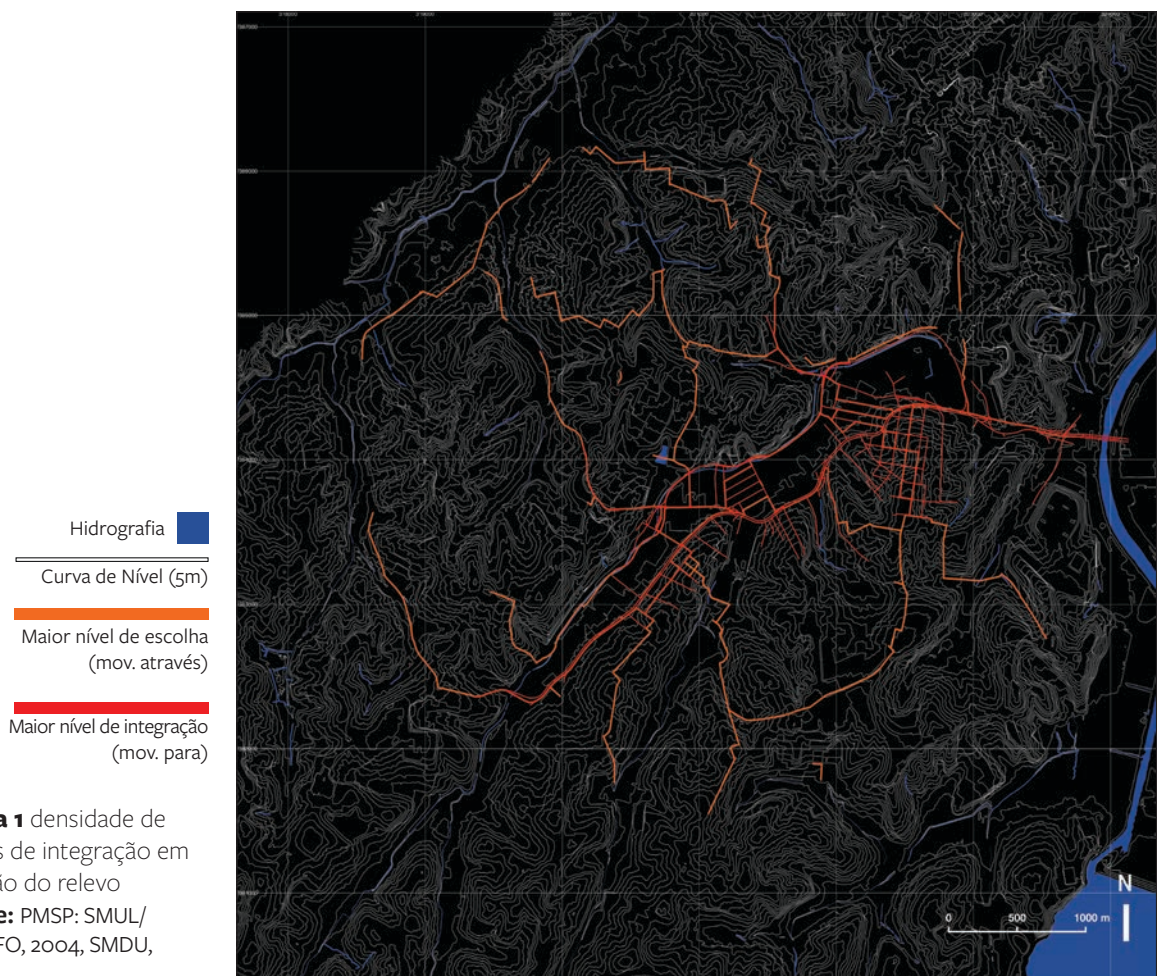
A primeira diz respeito a uma posição fixa, estável, contínua e frequente de ocupação do (de um) espaço. A segunda mobiliza os modos de povoar o tempo livre, seja através do encontro/intercâmbio; música/poesia/dança, e, por isso, permite um **Grid** que reagrupa seus componentes em três subséries: sarau, festival, cortejo.

GRID

reagrupamentos e novos cruzamentos

constelações

A partir do material levantado se propõem quatro novos agenciamentos, que recombinaam layers temáticos relativos ao relevo, à mobilidade e acessibilidade e ao uso e ocupação do solo, produzidos no primeiro módulo do trabalho, reconstituímos agora, pela recombinação de layers temáticos relativos ao relevo, à mobilidade e acessibilidade e ao uso e ocupação do solo quatro novos agenciamentos:

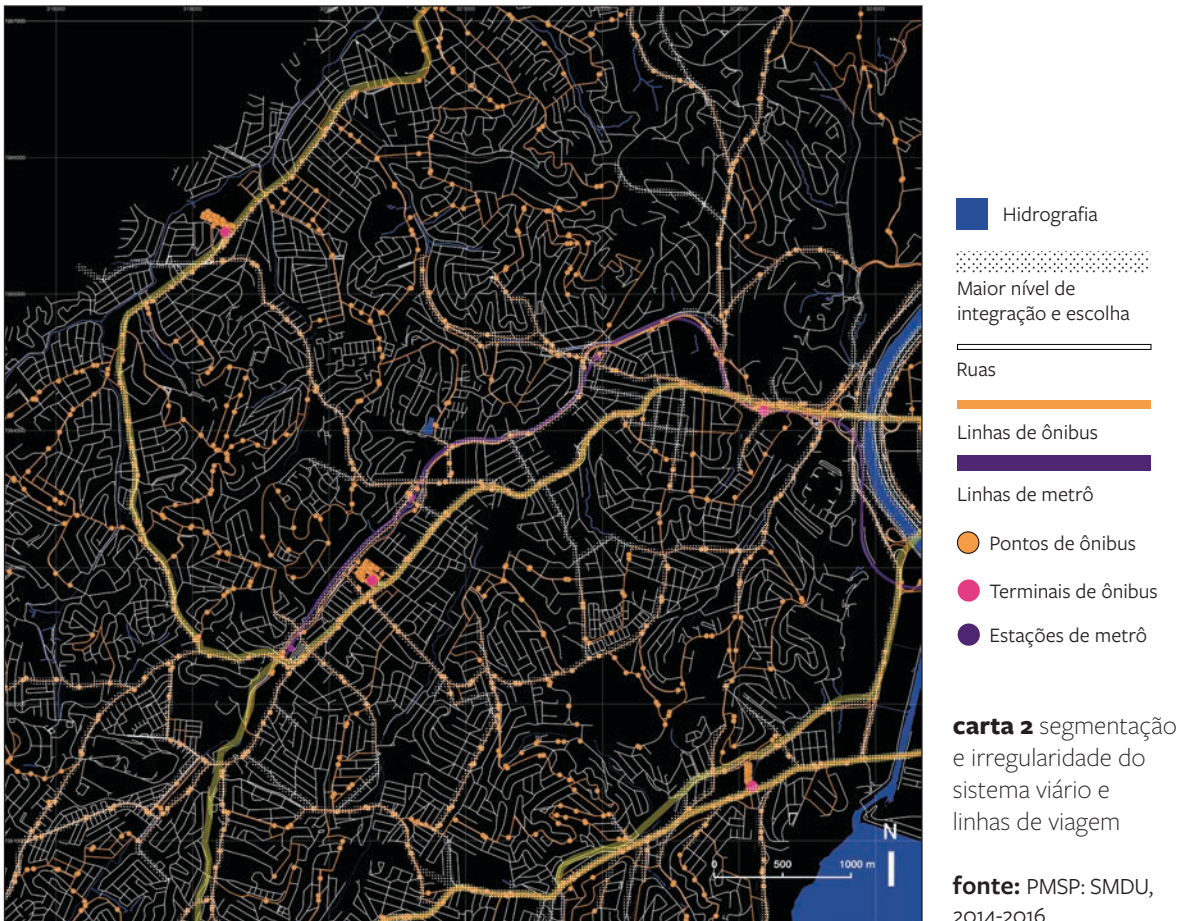


1. acessibilidade

A sobreposição das linhas de curvas de nível (indicando a alta rugosidade do relevo do campo de estudo) e das linhas de integração — *NAIN* (que sinalizam o potencial de integração e (micro-) acessibilidade — “*go-to*” — dos segmentos viários daquele mesmo campo) permite inferir que a assimetria de densidade das segundas, visivelmente muito mais alta na porção ao sul do córrego do ‘S’, tem a ver com as dificuldades de circulação impostas pelo relevo e em via de consequência com as características do traçado viário (geometria, declividade, intersecção) dominante na porção norte, como se pode observar na carta seguinte.

De qualquer modo, queda patente, tanto o baixo grau de acessibilidade do território intersticial aos eixos, quanto, em contraste natural, o potencial de centralidade dos terrenos da várzea do córrego do Morro do ‘S’.

2. mobilidade e tempo de viagem



Corolário do primeiro enunciado, a irregularidade geométrica (e em nível) da configuração do traçado viário implica itinerários quebrados (e, desde logo, viagens mais longas e localmente confinadas, **relatório 2**, ps. 36 e 37) que tem como origem ou destino lugares no território intersticial aos grandes eixos. As linhas NACH (Normalized Angle Choice, que indica preferência de escolha de itinerário de travessia ou macro-acessibilidade

— “*go-through*” — de uma área por cada eixo viário), logicamente mais regulares e contínuas, concentram-se na direção leste-oeste e articulam-se às demais porções do território apenas por eixos transversos (na direção leste-oeste), segundo uma figura de “espinha-de-peixe”, com disposição das “vértebras” (ruas Nelson Brissac, estrada do Campo Limpo e avenida Carlos Lacerda) bastante espaçada e desalinhada em sua intersecção com os eixos — “espinha dorsal” — que ladeiam o córrego do Morro do ‘S’.

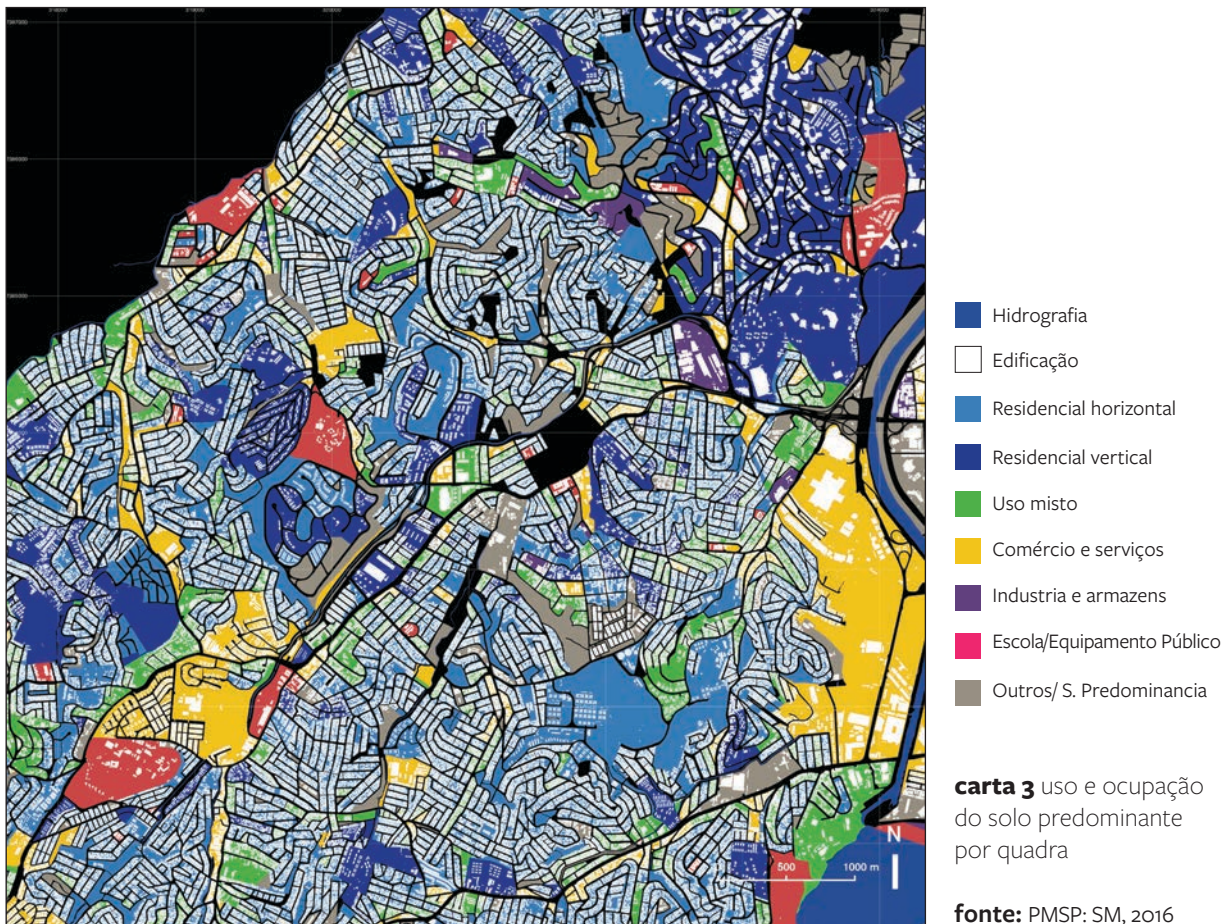
Portanto, a combinação dita INCH (Integration-Choice) do esquema sintático espacial da área de estudo, que mostra a integração de segmentos e eixos preferenciais de itinerário, revela o potencial de centralidade dos eixos paralelos da estrada de Itapequerica e da avenida Carlos Caldeira Filho (nesta última, fortemente confirmado e reforçada pela implantação, operação e futura expansão, ainda em projeto, da linha 5 lilás do Metrô). Ao norte, linha de divisa municipal com Taboão da Serra, a estrada de Campo Limpo, com grande acessibilidade, por sua extensão e continuidade com a linha 4 amarela do Metrô, concentra os endereços terciários.

3. uso e ocupação do solo

O cruzamento de dados de usos dominantes do solo por quadra com a camada temática de edificações evidencia a conformação de uma paisagem que poderia denominar-se “morros de casas”: o relevo de topografia acidentada é predominantemente ocupado por edificações residenciais horizontais que, implantadas em lotes de dimensões reduzidas (até 250 m²), resultam em densidade de moradias relativamente alta, de até 50 un/ha e densidade populacional 300 hab/ha; ambas, características de população com renda domiciliar média mensal dominante de 3 a 5 salários mínimos. *Clusters* mais “verticalizados” se vinculam à construção de condomínios fechados, os quais, erguidos em terrenos de maiores dimensões, embora esparsamente distribuídos pelo território, abrigam segmento da população de renda mais elevada, de 5 a 10 salários mínimos (**relatório 2**, p. 28 e 29).

Mas, com maior escala e presença difusa, grande incidência e implicação social e espacial, as áreas de assentamentos irregulares e de favelização ocupam, distribuídas por todo o território segundo áreas maiores (que totalizam 594,13 ha) e menores (que somam 220,76), o equivalente a 28% do território de estudo.

Usos dominantes de comércio e serviços ocupam, de forma mais ou menos óbvia quando consideradas as condições de macro acessibilidade, quadras localizadas ao longo dos eixos que podem ser ditos “vertebradores” — ruas Nelson Brissac, estrada do Campo Limpo e avenida Carlos Lacerda —. No interior da faixa compreendida pela avenida Carlos Caldeira Filho e Estrada de Itapequerica, onde se localiza a sede Campo Limpo do Sesc, os usos terciários se mesclam à função residencial.



O sistema de espaços livres públicos de escala relevante é resumido a três grandes elementos: Praça Campo Limpo (de longe, a principal referência e lugar central de eventos culturais), Parque Santos Dias (espaço com manifestações menos frequentes) e Cemitério São Luiz (este último de apropriação menos definida, mas, pelo menos, heterodoxa).

A potencial transformação do que singulariza a região do Campo Limpos, Capão Redondo e Jardim São Luís — a disposição das funções, dos usos e ocupações do solo, a configuração da malha viária e o funcionamento dos sistemas de transportes, enfim a estrutura, a forma e a paisagem urbanas — tem veiculada no Plano Diretor Estratégico de 2014 duas linhas de ação (**relatório 2**, p.38):

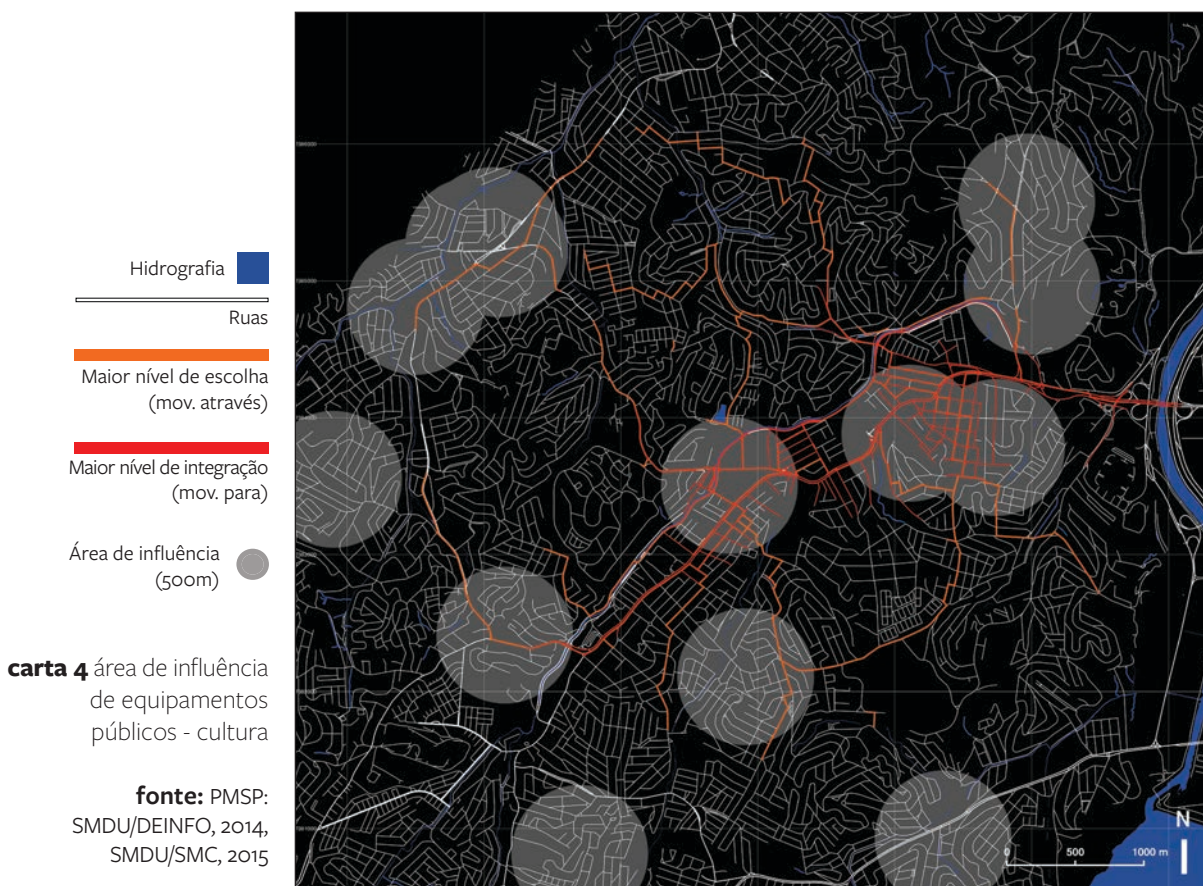
1. Urbanização das áreas definidas como ZEIS 1 (áreas com assentamentos precários e informais que podem ser consolidados e precisam ser urbanizados e regularizados do ponto de vista fundiário) e 2 (glebas e terrenos desocupados, não utilizados ou subutilizados, que devem servir para a produção de Habitação de Interesse Social (HIS), Habitação para o Mercado Popular (HMP) e usos não residenciais), o que significa prever instrumento de política fundiária para reserva/destinação de terra para Habitação de Interesse Social HIS² nas áreas urbanas dotadas de

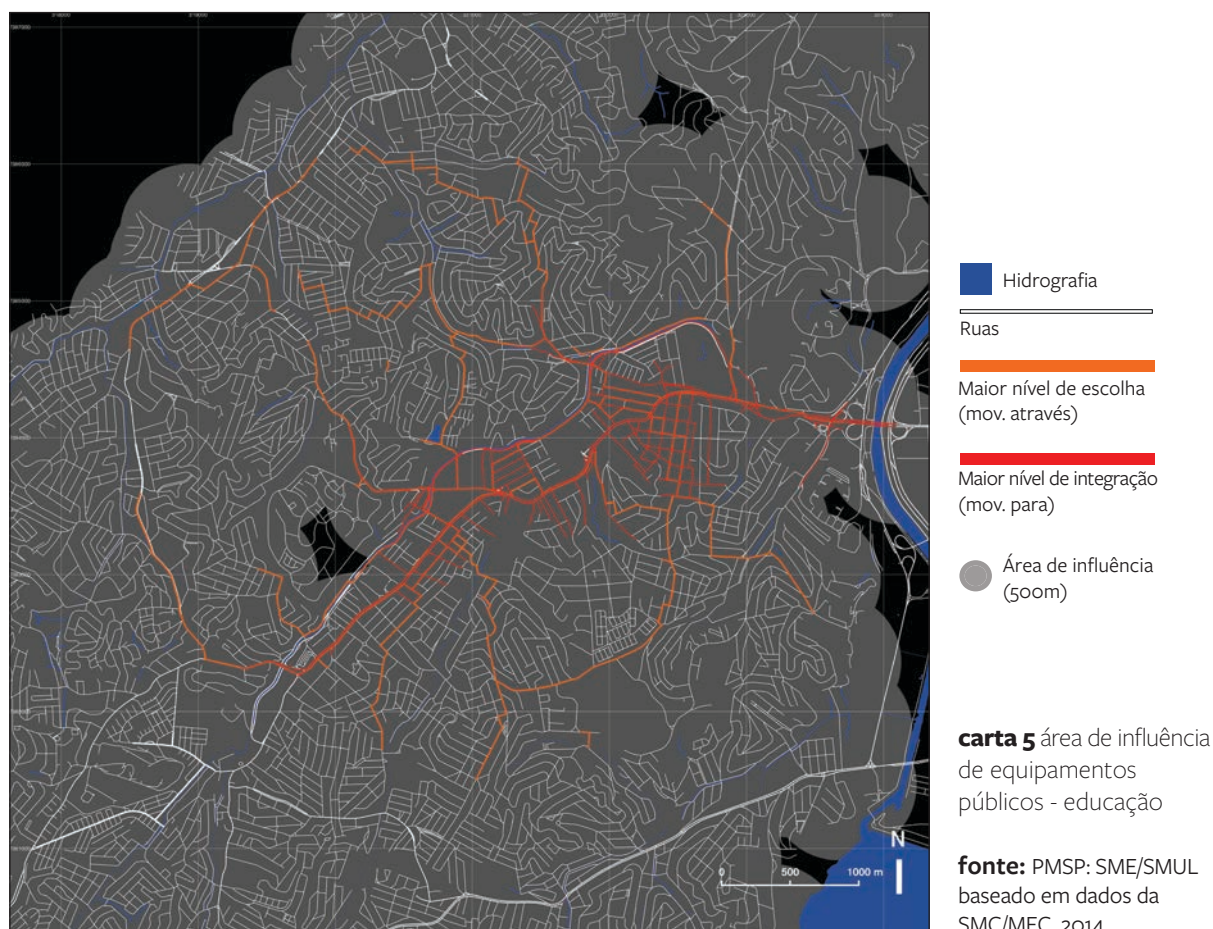
infraestrutura, equipamentos sociais, áreas verdes e comércio, serviços e oportunidades de emprego.

2. aprovação de eixos de estruturação da transformação urbana, com o objetivo de orientar a produção imobiliária para áreas localizadas ao longo dos eixos de transporte coletivo público. Essa orientação dá-se com novas formas de implantação de empreendimentos que promovam melhores relações entre os espaços públicos e privados e contribuam para a redução dos tempos e distâncias de deslocamentos, articulando mobilidade e a distribuição entre moradia e emprego. Estes eixos de estruturação da transformação urbana são definidos pelas quadras inseridas na faixa de 150 metros de cada lado dos corredores de ônibus, bem como no raio de 400m ao longo das estações de metrô e trem. No perímetro de estudo, as quadras próximas às estações de metrô e ao corredor de ônibus da Estrada de Itapeverica podem (a depender do interesse e da ação do mercado) sofrer processo de verticalização (permissão para construção de até 4 vezes a área do terreno), com adensamento populacional (pela previsão de cota máxima de 20m² de terreno por unidade de apartamento) e mistura de uso (previsão de bônus construtivo para uso não residencial do pavimento térreo).

² HIS 1: destinada a famílias com renda familiar mensal de até R\$ 2.172,00 ou renda per capita de até R\$ 362,00; HIS 2: destinada a famílias com renda familiar mensal superior a R\$ 2.172,00 ou 362,00 per capita e igual ou inferior a R\$ 4.344,00 ou R\$ 724,00 per capita.
<<http://goo.gl/H3SY2T>>

4. equipamentos e serviços sociais



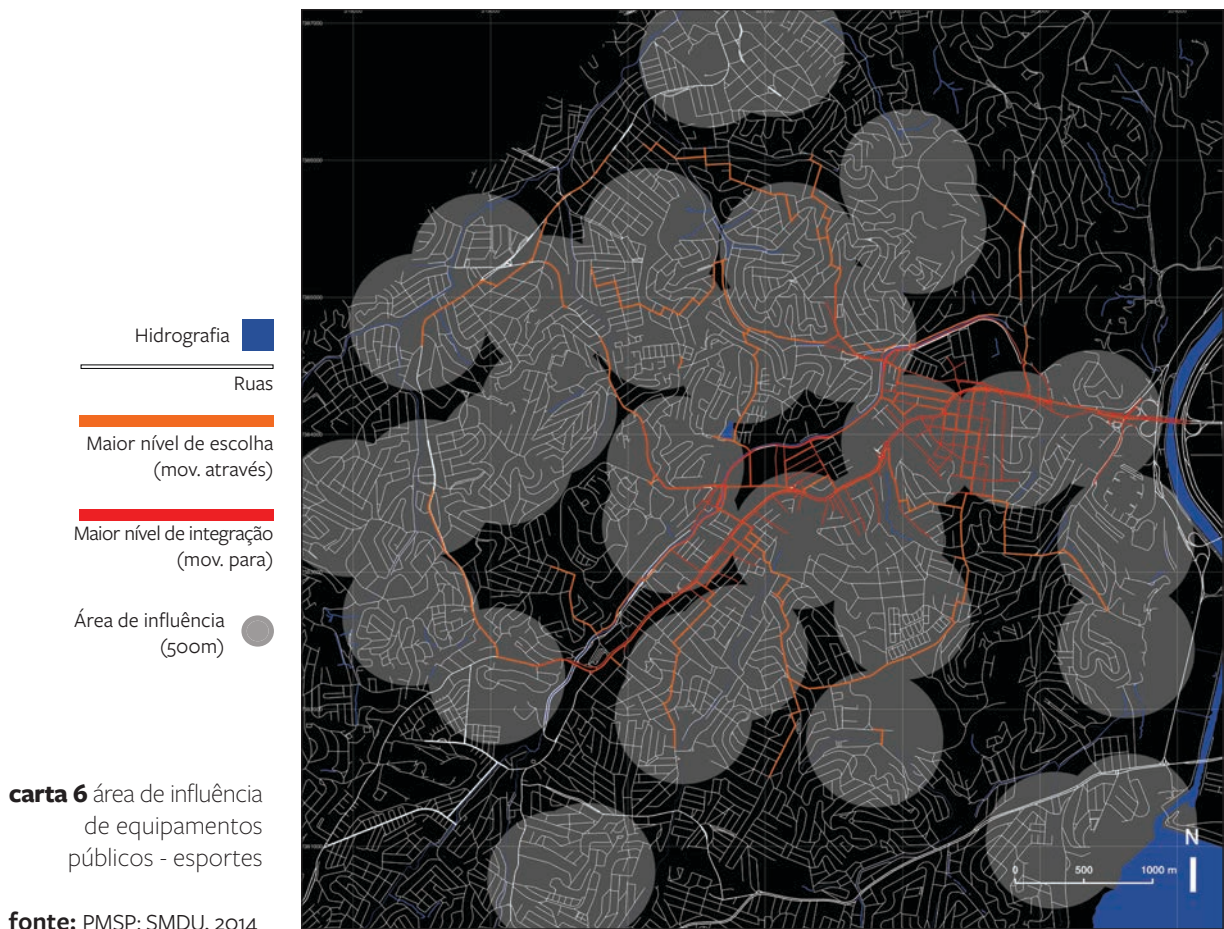


Em relação aos sistemas ou serviços urbanos sociais, referidos especificamente ao tipo de equipamentos públicos que mais diretamente interessam ao Sesc — educação, cultura esporte —, chama a atenção, no território dos distritos que contêm o campo de estudo, o reduzido número de sedes de **equipamentos de cultura** (total de 42 sedes, que incluem 7 bibliotecas públicas, 5 centros culturais, 16 salas de cinema, 12 salas multiuso teatro-cinema-show, além de uma galeria de arte e 1 bosque de leitura). Tal quadro fica mais crítico quando se observa a condição de localização destes equipamentos. Em sua quase absoluta maioria, concentram-se em poucas e delimitadas áreas situadas próximas às grandes vias de circulação e transporte da região, portanto mais distantes dos setores “de miolo”, intersticiais aos eixos principais; o que aumenta a dificuldade de acesso em função das maiores distâncias e maiores tempos de viagem requeridos. Em defesa dessa hipótese, talvez bastasse notar a concentração de equipamentos culturais nas proximidades do terminal de ônibus do Campo Limpo, assim como a concentração da realização de eventos populares na Praça do Campo Limpo.

A oferta de **equipamentos esportivos**, embora também relativamente escassa (44 públicas — campos de futebol, quadras, centros desportivos,

clubes de comunidade e até 1 mini balneário; e 5 privadas — centros desportivos) mostra situação de localização mais difusa e/ou equilibrada no território dos distritos: isso se deve ao fato das unidades terem sido, em grande medida, implantadas justamente nos compartimentos inter-axiais, ou seja no interior dos tecidos — ou setores — delimitados pelas vias principais (quase “em negativo” em relação aos equipamentos de cultura). O contorno dissolvido dos *buffers* de 500m das unidades evidencia cobertura territorial mais integral.

Contando 412 **unidades educacionais**, públicas (91 estaduais e 126 municipais) e privadas (195), a rede escolar é a que dispõe de maior abrangência ou cobertura territorial. Embora o mapa de calor, que representa a densidade espacial das unidades, mostre algum tipo de concentração — *clusters* — mais ou menos definíveis, a justaposição dos *buffers* de 500 metros de raio de cada unidade cobre todo o território de estudo.



5. territorialidades culturais

Uma primeira leitura visual, relacionando os mapas de densidade, de localização, de equipamentos culturais e de territorialidades culturais, aponta para prováveis correspondências não só entre posições dominantes no território, mas também entre a intensidade relativa da concentração. A primeira correspondência confirmaria, desde então, o fator polarizador exercido pela praça do Campo Limpo, seja como território de sedes de instituições públicas municipais — Casa de Cultura Campo Limpo, Biblioteca Helena Silveira, CEU Campo Limpo, biblioteca e teatro e cinema —, ou particulares — Salas Engenho Teatral —, seja como lugar central de programação e acontecimento de eventos promovidos por associações ou organizações comunitárias — Festival Percurso, Cooperifa, Sarau da Ponte pra cá e Maracatu Ouro do Congo.

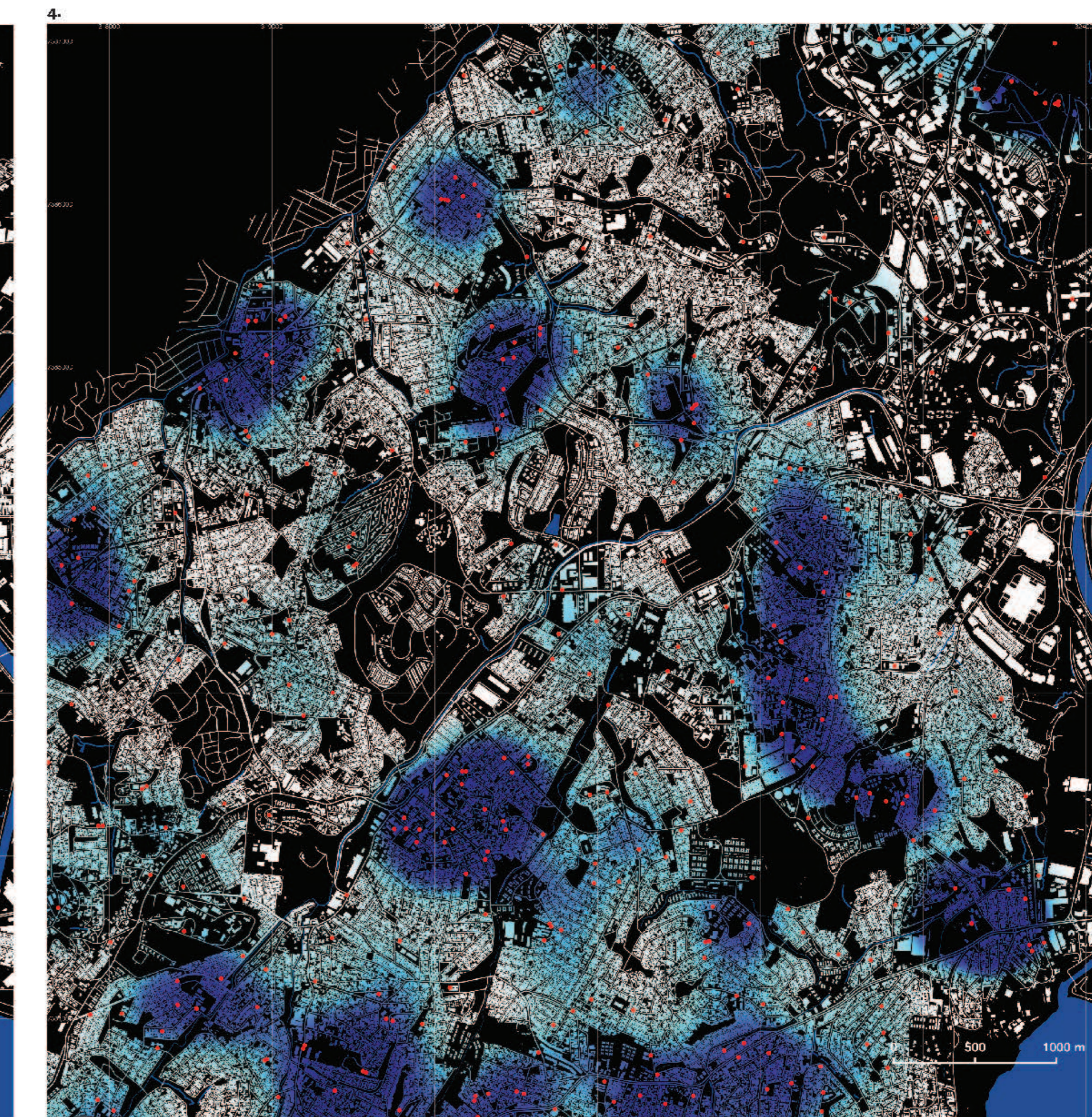
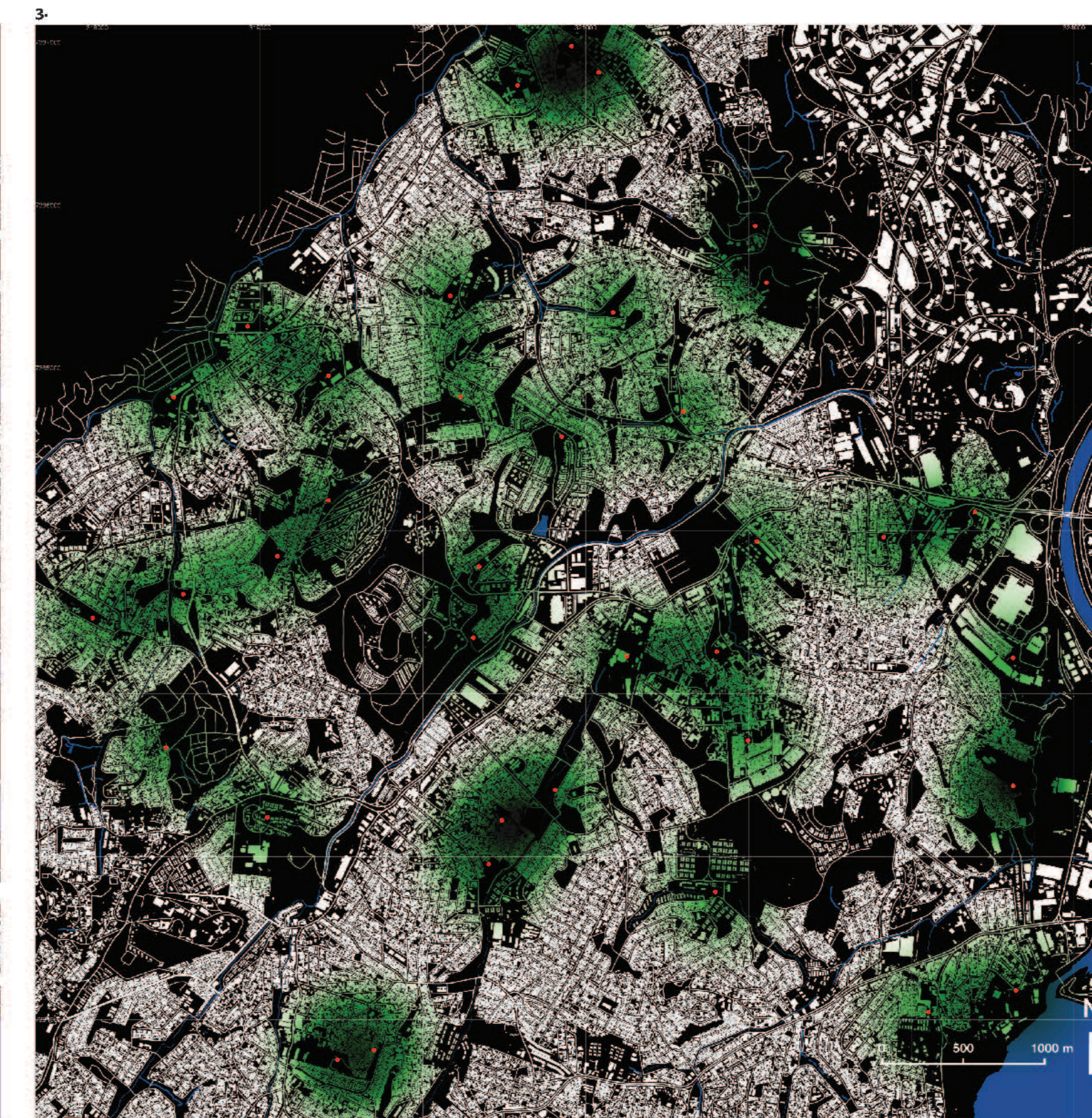
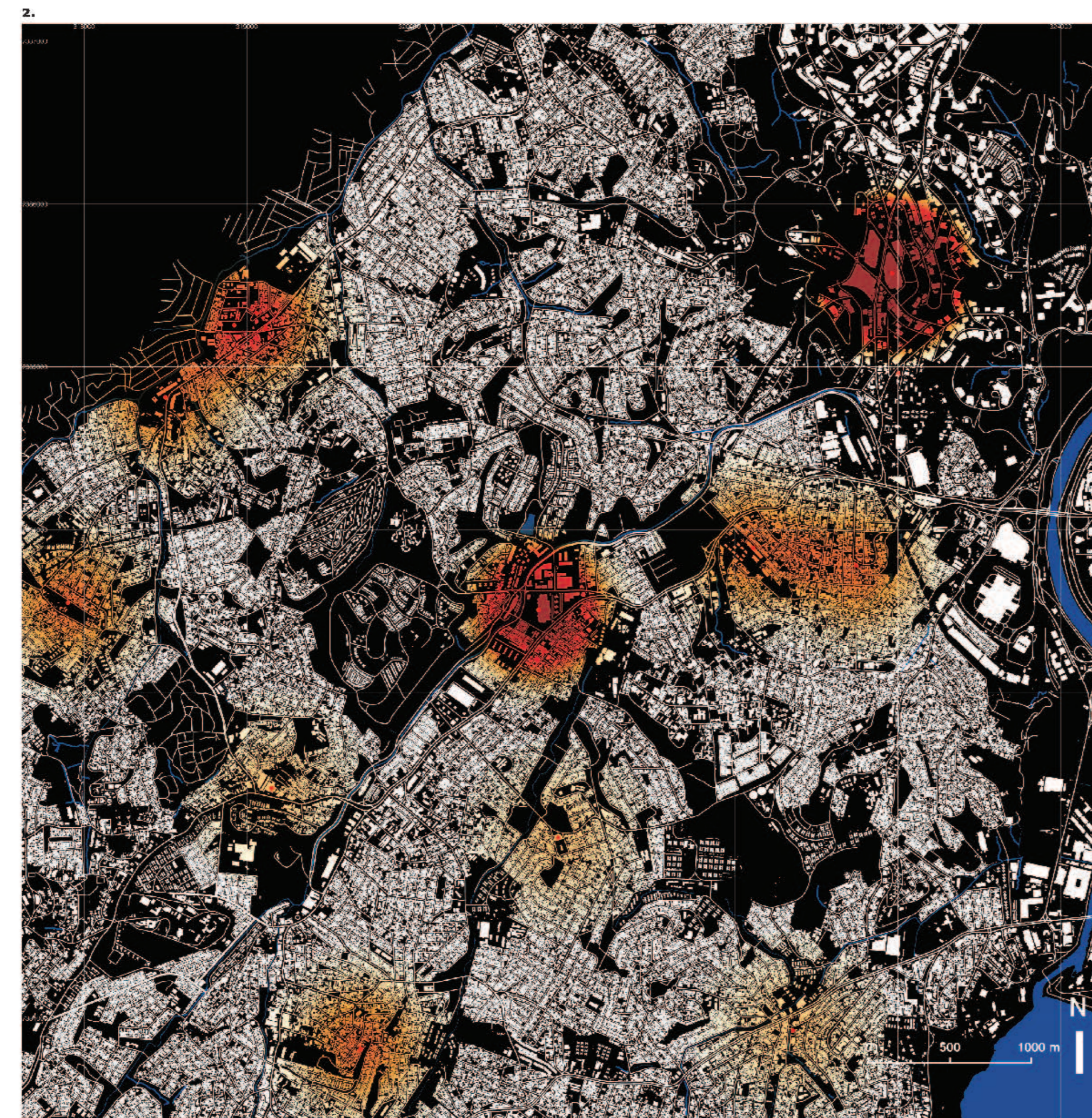
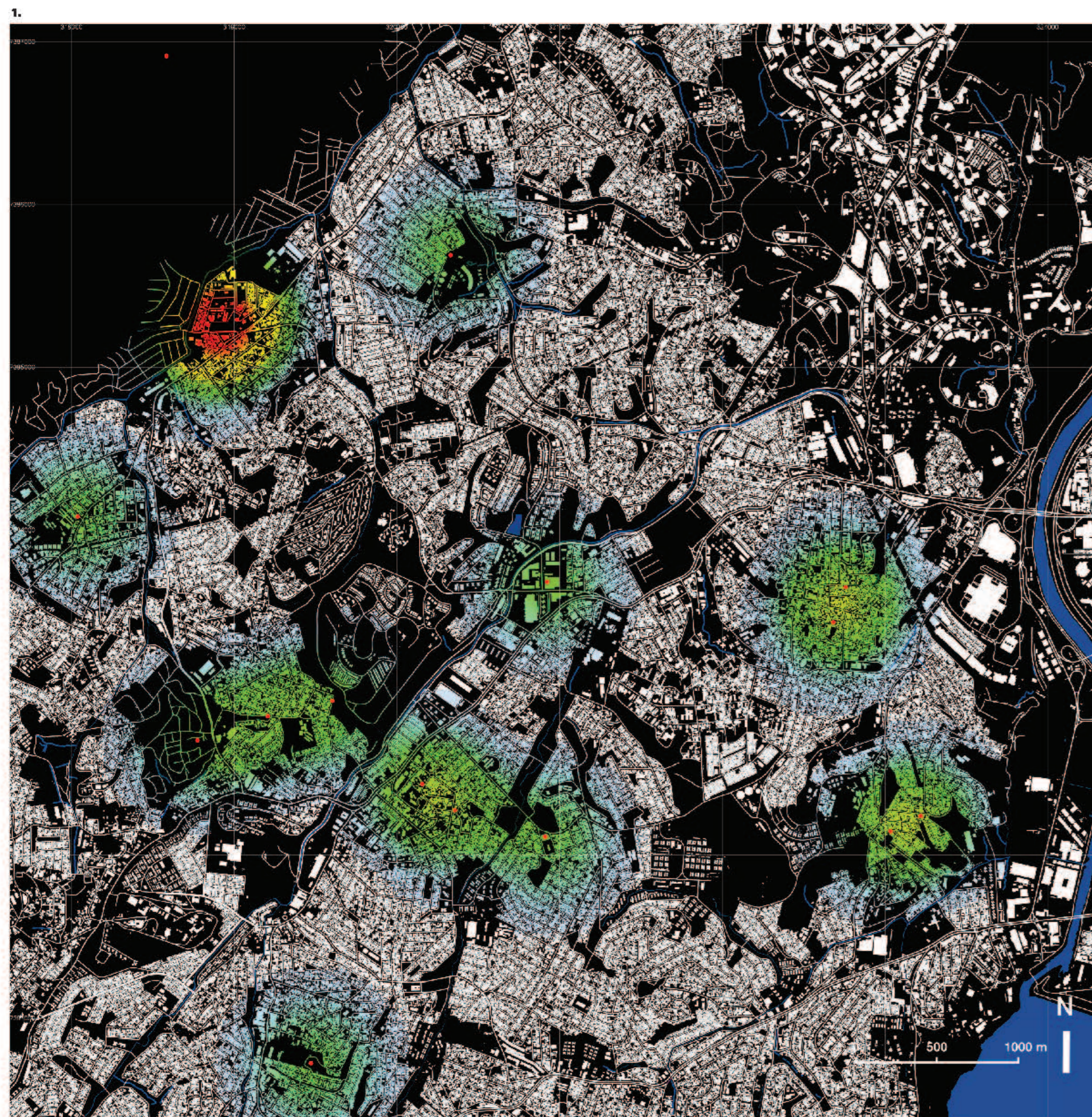
Outras coincidências territoriais indicam a proximidade, senão a ocupação e/ou divisão, do mesmo espaço entre:

instituições	eventos
1.CEU Canto do Amanhecer	100% Favela, café da manhã horta cores e sobores
2.bosque de leitura Santos Dias	IV Encontro Indígena CIEJA C. Limpo e Sarau do Binho CEU Capão Redondo
3.CEU Capão Redondo	Sarau do Binho
4. Salas de cinema Shopping Campo Limpo e Sesc	Farinha com Açúcar no SESC
5.CEU Casa Blanca e Centro Cultural Monte Azul	Espaço Comunidade e oficina de permacultura Ateliê Cendira
6.Sacolão das Artes	IV Encontro Indígena no CIEJA
7.Casa de Cultura Campo Limpo, CEU Campo Limpo	Festival Coperifa Maracatu Ouro do Congo

tabela

correlação da proximidade instituições e eventos

Talvez fosse interessante indagar a precedência da localização das instituições em relação aos eventos, e vice-versa, mas parece irrefutável a tese de que a instalação/operação de equipamentos culturais, sobretudo do tipo CEUs confirma/confere/constitui força polarizadora em seu âmbito local e regional de influência.



- 1. territorialidades culturais
- 2. cultura
- 3. esporte
- 4. educação

mapas de calor

redes

A etapa rede foi feita a partir de uma série de visitas aos locais encontrados na etapa anterior visando, a partir da observação participante, identificar as conexões que eram feitas naquele momento entre os atores que fazem parte da cena de produção cultural na região estudada. Mais que traçar um esquema que registre o estado atual das relações de parceria e trocas, buscamos encontrar regularidades que indicassem os valores atribuídos às suas atividades e ao seu território. Com isso é possível compreender não apenas como a rede está estruturada hoje, mas também a partir de quais princípios se estrutura e se mantém.

Em primeiro lugar, ficou claro que a rede é uma forma de organização consciente, que possui vantagens claras e até mesmo óbvias para os participantes. Frequentemente há esforços e investimentos direcionados à criação e fortalecimento de laços, como “encontros”, “rolês”, visitas mútuas e participação em atividades de outros coletivos, divulgação de eventos dos outros. Nesse sentido, nossa participação também foi vista dessa forma, com a inclusão dos pesquisadores e mesmo de funcionários do Sesc na rede de relações.

Há duas formas básicas de associação na rede, sendo uma formada por indivíduos e outra por instituições. Se na rede, essas duas categorias de atores têm participação, têm também papéis diferentes. São os indivíduos que operam a rede cotidianamente, se envolvendo em lógicas de trocas e fazendo esforços para mantê-la atual e operante, dispondo de tempo para realizar as conexões. Apesar de sua importância, a rede precisa dispor das instituições para cristalizar e formalizar determinadas relações. São as parcerias institucionais que oferecem legitimidade e facilitam as parcerias com outras instituições – inclusive com o poder público – e a conquista de verba via editais e patrocínios. Embora formalmente as parcerias institucionais sejam mais duradouras, correm o risco de tornarem-se obsoletas se os indivíduos não mantiverem essas relações vivas na prática.

Outro ponto a ser levado em conta é o debate e as formas diversas de se entender a particularidade da produção cultural nesse território. Nesse sentido, a imagem emblemática é a oposição entre “o lado de cá” e o “lado de lá da ponte”, associados respectivamente aos termos “periferia” e “centro”. Duas visões coexistem e se complementam nesse aspecto. A primeira delas, entende que a produção cultural nesse território tem uma particularidade em relação à cultura hegemônica, associada ao centro. Nesta visão, a “cultura de periferia” é necessariamente uma cultura de resistência em relação àquela produzida no centro (geográfico e de poder). Nessa visão, a cultura “do lado de cá da ponte” é específica e pretende disputar espaço com a cultura “do lado de lá”. A segunda visão, por sua

vez, assume a cultura como oportunidade de aproximar os dois mundos, seja garantindo melhores condições de vida, e mesmo uma perspectiva de carreira profissional para os produtores culturais, seja defendendo a ideia de que a cultura feita nos dois polos deve ser tratada de forma equânime. Para essa perspectiva, o que é produzido em termos de cultura no centro (geográfico e de poder) deve também alcançar a periferia, assim como as produções culturais da periferia devem circular e receber o mesmo tratamento daquela. Na perspectiva da entrada do Sesc como instituição nessa rede de produção cultural, as duas perspectivas aparecem na forma de demanda explícita não apenas para que os produtores culturais locais tenham espaço na programação daquela unidade, mas que sejam contratados e passem a circular pela rede de unidades do Sesc como programação.

Por fim, percebeu-se a importância de se atentar para as atribuições simbólicas do território, a partir dos valores conferidos aos diferentes bairros e localidades da região estudada. Os vários territórios carregam consigo noções em disputa, que implicam na identidade do bairro e de seus habitantes. Nesse sentido, chamou a atenção o contraste entre o que se entende por “Capão Redondo” e o que se entende por “Campo Limpo”, que podem se diferenciar ou se sobrepor a partir de percepções sobre o espaço, classe social, ocupação e violência. Dessa forma, os territórios não são unívocos nem mesmo em relação a suas fronteiras, por vezes mais circunstanciais e baseadas na experiência que rigidamente fixas no território, com uma construção retórica emblemática: “meu bairro é onde eu chego a pé”.

tipos

De acordo com o levantamento apresentado no **relatório 2, `tipo`** (dezembro, 2016), foi verificada a hipótese, a partir da metodologia de caracterização espacial e operacional entre espaços de produção cultural, de uma primeira classificação **tipológica** que separa as territorialidades culturais em dois grandes arranjos: **eventos** e **sedes**.

É importante lembrar que as tipologias, e, logo, a nomenclatura, aqui proposta remetem a um esforço da pesquisa para, a partir dos termos utilizados localmente e seus significados, identificar as mínimas características fundamentais e distintivas para construir categorias analíticas. Dessa forma, suas definições podem ser distintas dos significados dicionarizados até mesmo vernacular dos termos empregados.

Nesse sentido, devemos compreender que **sede**, em etapas anteriores designada “rede de apoio”, é um espaço construído onde se desenvolvem atividades de suporte e promoção comunitária cotidianas, estáveis,

mas também especiais e coletivamente dinâmicas (que desbordam o próprio espaço da sede para o espaço público). O mapeamento das condições posicionais, físicas, dimensionais, de duração e frequência temporais, implicando atividades e infraestruturas na consecução de eventos, permitiu estabelecer, provisoriamente, recortes em função da regularidade das relações, operações e linguagens mobilizadas. Dessa forma, foi possível extrair e refinar procedimentos de caracterização pela associação de variáveis espaciais, ou materialidades constituintes dos eventos, tais como geometria, dimensão, número de participantes, frequência ou periodicidade, vizinhança e relações de integração e conectividade visual.

A classificação tipológica resultante, em que pese certo esquematismo que toda generalização comporta, estabelecendo assim, três agenciamentos (reorganizando e englobando os quatro tipos previamente definidos no **relatório 4**, na medida em que a antiga divisão não acrescenta novas informações): “Sarau”, “Cortejo” e “Festival”, podendo ser realocadas.

Desta forma consideramos as seguintes definições:

—— o “sarau”, lugar (itinerante ou não) de apresentação de produção literária, musical, de dança, além de reflexões sobre os conflitos cotidianos e cuidados da saúde;

—— o “festival”, para reunião de movimentos sociais de economia solidária, de coletivos culturais e de população tradicional (população indígena, quilombola);

—— o “cortejo”, manifestações ou encontros periódicos e episódicos de reunião, alimentação e apresentação de rodas, desfiles, shows musicais.

tabela instituições e eventos

tipos			
	cortejo	festival	sarau
espaço	aberto	aberto	fechado**
localização	variável	fixo	variável
ocupação	volante*	delimitado	delimitado
duração	efêmero	efêmero	efêmero
frequência	esporádico	cíclico	esporádico

* exceto Maracatu Ouro do Congo

** exceto Sarau Ponte pra Cá

SEDE	UNIÃO POPULAR DAS MULHERES	ATELIÊ CENDIRA	PROJETO ARRASTÃO	ESPAÇO COMUNIDADE	GRUPO CLARIO DE TEATRO	CIEJA	CANDEARTE	CITA	COOPERIFA	BLOCO DO BECO	CASA DO ZEZINHO	ASSOCIAÇÃO CAPÃO CIDADÃO	SACOLÃO DAS ARTES	PERIFERIA ATIVA
EVENTO		Oficina de Permacultura	3ª Mostra Cultural Arrasta Lata	cortejo baque atitude + quebrada de coco	Sarau Quintasoito	IV ENCONTRO INDIGENA	Cortejo do Boi	Maracatu Ouro do Congo	9ª Mostra Cultural Cooperifa	Ybira Samba				100% favela
ENDEREÇO	Rua Zacarias Maziel 128 Campo Limpo	Rua Joaquim Odorico Teixeira 67, Campo Limpo	Rua Doutor Joviano Pacheco de Aguirre 255, Campo Limpo	Rua Domingos Marques, 104, Jardim Monte Azul	Rua Santa Luzia 96, Taboão da Serra	Estrada de Itapeperica, Capão Redondo	Rua Lauro da Silva 46, Taboão da Serra	Rua Aroldo de Azevedo, 20, Campo Limpo	Rua Bartolomeu do Santos, 797, Jardim Guarujá	R. Bento Barroso Pereira, n. 2	Rua Anália Dolácio Albino, 30 Parque Maria Helena, SP	Rua José Messias Nº 1.000 Campo do Pantanal	Av. Cândido José Xavier, 577 - Capão Redondo	R. José Máximo Pinheiro de Lima, 50, Jardim Ipê São Paulo
DIMENSÃO	250m²	150m²	8326m²	190m²	154m²	513m²	462m²	1764m²	300m²	266m²	565m²	150m²	3200m²	66m²
PERÍODO	comercial	comercial	comercial	comercial	semanal	comercial	semanal	terça a sexta	semanal	semanal	diário	diário	diário	
ENTORNO	predominante uso residencial horizontal e vertical	predominante uso residencial horizontal	predominante uso misto horizontal e vertical	predominante uso residencial horizontal e vertical	predominante uso residencial horizontal	predominante uso não-residencial horizontal e vertical	predominante uso residencial horizontal	predominante uso não-residencial horizontal	predominante uso não-residencial horizontal	predominante uso misto horizontal	predominante uso residencial horizontal	predominante uso residencial horizontal	predominante uso misto horizontal	predominante uso residencial horizontal
ATIVIDADES	alfabetização de mulheres, curso técnico de moda, brechó, sede para eventos de outros coletivos, banco união sampaio,	oficinas variadas, almoço solidário, rodas de dança, rodas de conversas	berçário, ensino fundamental e até os 16, suporte psicológico para famílias e/ou mulheres, oficinas variadas, aulas de danças e ballet, aula de músicas, eventos infantis,	oficinas culturais, shows, cortejos, quebrada de coco, exposições, reuniões, ensaios, eventos,	oficinas culturais, trocas artísticas, mostras cênicas,	ensino fundamental para jovens e adultos, aulas de pintura e aula de taekwondo	rodas de cocada, cortejos, horta, oficinas instrumentais	danças dramáticas brasileiras, instrumentos, teoria e estética teatral, interpretação, treinamento de voz, treinamento circense, núcleo de interpretação e hip hop	sarau, festivais	atividades para crianças e jovens através de arte e cultura, oficinas, debates, rodas temáticas, saraus e festas tradicionais	oficinas e atividades variadas para jovens e adultos	Atividades para crianças de 06 a 16 anos: balé clássico, bale contemporâneo, meio ambiente, karatê, dança de rua, reforço escolar e cultura alimentar para os pais dos atendidos.	atividades variadas relacionadas à arte para crianças, jovens e adultos	biblioteca êxodus, cursos e oficinas diversas, festa para comunidade, loja Cúpula Negro
INFRA ESTRUTURA	sofá, mesas, carteiras, lousa, estante para livros, cadeiras, cozinha, máquinas de costura, arara de roupa, cadeiras móveis	sofá, mesa, cadeiras, cozinha, escada como arquibancada,	carteiras, lousas, mesas, espaço para dança, espelhos, colchonetes, estantes de livros, refeitório, bancadas, cozinha, refeitório infantil, salas de oficinas, máquinas de costuras, instrumentos musicais, puff, quadra,	mesas, cadeiras móveis, cozinha, instrumentos musicais,	estante de livros, caixa de som, bancada, cozinha, estante de bebidas, cortinas, microfones, palco, luzes focais, arquibancada	escada, rampa, cadeiras móveis, bancos fixos, refeitório, cozinha, mesas, cortina, lixeiras, carteiras, lousa, computadores, estantes de livros,	espaço para horta, cadeiras, banheiro, cozinha, mesa, sofás, tecidos, cortinas, instrumentos musicais, espaço aberto cimentado para cocada,	cadeiras móveis, bancos fixos, instrumentos musicais, sofás, tecidos, mesas,	cadeiras móveis, mesa,	microfones, cadeiras móveis, mesa,	salas de aula com mesas, cadeiras, lousa e materiais escolares, 3 mesas com computadores; sala de dança com máquina de costura quadras esportivas piscinas	salas de aula com mesas, cadeiras, lousa e materiais escolares, 3 mesas com computadores; sala de dança com espelho e barra; cozinha com refeitório; banheiro; depósito		
ACESSO	Aberto ao Público	Restrito ao Público	Restrito ao Público	Restrito ao Público	Restrito ao Público	Restrito ao Público	Restrito ao Público	Restrito ao Público	Restrito ao público (as reuniões, não o bar)	Restrito ao Público	Restrito ao Público	Aberto ao público	Restrito ao Público	
PROPRIEDADE	Sede alugada	Sede própria	Sede própria	Sede própria	Sede alugada	Sede alugada pela prefeitura	Sede própria	Sede ocupada	não tem sede; usam o bar do zé	Sede emprestada pela associação	Sede própria	Sede doada	Sede ocupada	

grid

Após a revisitação das etapas e informações coletadas anteriormente do processo de pesquisa, foi organizada uma matriz onde, sinoticamente, podem ser “lidas” semelhanças e interferências diretas nas características de cada evento analisado.

Para cada evento foram resgatadas do estudo de **tipos (relatório 4)** dados e informações gráficas/ textuais que melhor retratam o funcionamento e o uso dos espaços, como segue:

Textuais: **dimensão**, ordem de grandeza da área de operação do evento; **geometria**, conformação geométrica desta área de operação; **número de participantes**, estimativa do número de pessoas que estavam presentes; **frequência** com que acontecem estes eventos; **dispositivos**, utilizados para a operação e realização do evento;

Gráficas: **área de operação**, área utilizada pelos participantes, organizadores e agentes do evento; **vizinhança**, levantamento dos usos do entorno imediato; **integração visual**, atributo baseado no número de passos ou etapas visuais necessárias para chegar a qualquer área do polígono delimitado pela área de operação; **profundidade métrica**, cálculo sobre a profundidade média de um nó; **conectividade**, análise importância de cada ponto em relação a sua conectividade com outros pontos; **perspectivas, cortes e plantas** que mostram a organização e disposição de elementos e pessoas durante um período do evento.

A matriz gráfica para análise visual — GRID — das Territorialidades Culturais reúne doze eventos diferenciados segundo sua tipologia, conforme definido:

- Cortejo: cinco manifestações
- Festival: três manifestações
- Sarau: quatro manifestações

Ordenando no eixo horizontal (primeira linha) as séries tipológicas, com suas características distintivas

- espaciais: geometria, dimensão, profundidade métrica, sua área/polígono de operação e sua vizinhança, sua configuração física em perspectiva, corte e planta;
- funcionais ou operativas: número de participantes, período, dispositivos;
- relacionais: articulação, entorno, integração visual e conectividade (**relatório 4**);

Arranjadas verticalmente (colunas de atributos), a matriz permite cruzar e comparar, visual e sinoticamente, tanto os dados das territorialidades culturais incluídas em cada série tipológica (regularidade de atributos), quanto aqueles referentes a qualquer uma das três séries (proximidade de atributos).

A primeira leitura faculta a inferência de padrão geral comum a cada série tipológica. A segunda leva a pensar na possibilidade de que, dados certos atributos, um espaço possa acolher dois ou mais tipos de manifestação.

Dessa forma, como hipótese para discussão e verificação, pode-se afirmar que a série tipológica **sarau** (em vertente “urbana”, ou seja que presuma desbordamento externo, e não apenas realização fechada, “arquitetônica”), pressupondo a participação semanal de 50 pessoas (podendo chegar a cerca de 150m pessoas), requer uma área total (interna-externa) de cerca de 1.200m². A indiferença quanto à geometria da área de operação, poligonal ou linear, no entanto, não prescinde de relação tipo palco-plateia, que, mesmo em área aberta, conte com dispositivos cenotécnicos de som, luz etc. e para acomodação do público.

A série denominada **cortejo**, como próprio termo conota e à diferença do **sarau**, pressupõe movimento linear, “desfile”, ao longo de itinerários que, definidos pelo traçado das ruas, percorrem, desde seu ponto de início, distâncias (profundidade métrica) de cerca de 500/600 metros. Embora implicando dimensões físicas e formas de envolvimento coletivo de maiores proporções, o número de participantes também gira em torno de 60 a 80 pessoas.

Já o **festival**, de realização espaçada, semestre ou anualmente, prevê a ocupação de recintos públicos de geometria poligonal de grandes dimensões (entre 1.500 e 6.000 m², como a requisitada Praça do Campo Limpo) para a participação de milhares de pessoas (entre 1.500 e 6.000) em encontros de duração diária, envolvendo temas e infraestruturas específicas segundo a programação festiva seja de música, seja de economia solidária ou manifestações culturais as mais diversas.

A segunda leitura possível, que os gráficos abaixo ajudam a construir, leva a notar que, além das semelhanças que as séries tipológicas guardam por definição, há proximidades de atributos de eventos pertencentes a séries tipológicas distintas, notadamente quanto ao que segue:

Dimensão

Variáveis: 0 – 300, 1.000 – 5.000, 6.000 – 10.000 e 10.000 – 20.000 m²

—— O Cortejo Baque-Atitude, Sarau da Ponte pra Cá, Sarau do Binho e o Festival 100% Favela são “próximos”.

—— Sarau Quintaasoito e Ybira Samba são “isolados”

—— Os cortejos IV Encontro Indígena e Território do Povo são

“próximos” ao Festival 9ª Mostra Cultural Cooperifa

—— O Festival Percurso é próximo aos Cortejos do Boi e Ouro do Congo

Geometria

Variáveis: linear, poligonal e pontual

—— Sarau Quintasoito e Ybira Samba são “isolados”.

—— Sarau do Binho é “próximo” a todos os cortejos.

—— Sarau da ponte pra cá é “próximo” a todos os festivais

Ou seja, apenas os saraus variam.

Número de Participantes

Variáveis: 0 – 30, 40 – 60, 80 – 200 e 2000 – 10000 participantes

—— Os Festivais são isolados.

—— O Sarau Ybira Samba é “próximo” aos Cortejos Território do Povo, do Boi e Ouro do Congo.

—— Os Saraus da Ponte pra Cá e Quintasoito são “próximos” s ao Baque-Atitude

—— O Sarau do Binho e o Cortejo Encontro Indígena são “próximos”.

Frequência

Variáveis: semanal, mensal, anual e esporádico

—— Os saraus são isolados

—— Os Festivais e os Cortejos Encontro Indígena e do Boi são “próximos”.

—— Os cortejos Baque-atitude, Ouro do Congo e Território do Povo são “próximos”.

Vizinhança

Variáveis: predominantemente residencial horizontal e vertical, não residencial horizontal, uso misto horizontal, residencial horizontal e não residencial horizontal e vertical

—— Não há um padrão de vizinhança por tipos de eventos.

Integração Visual

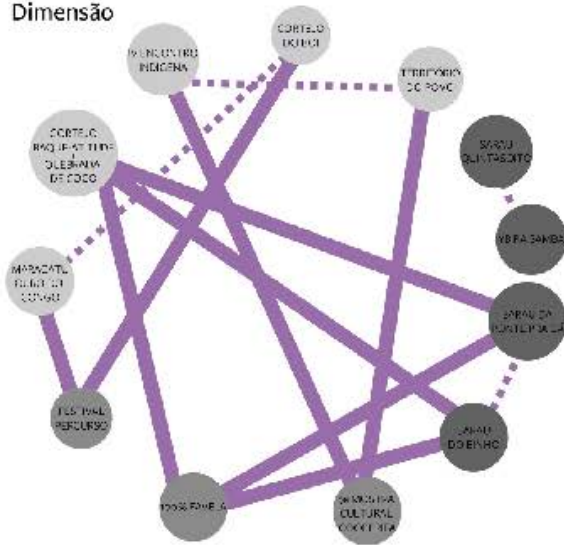
—— Cortejo Ouro do Congo e Sarau da Ponte pra cá são “próximos”, mesmo tendo geometrias diferentes (linear e poligonal, respectivamente)

—— Festival Percurso e Sarau do Binho são “próximos”, mesmo tendo geometrias diferentes (poligonal e linear, respectivamente)

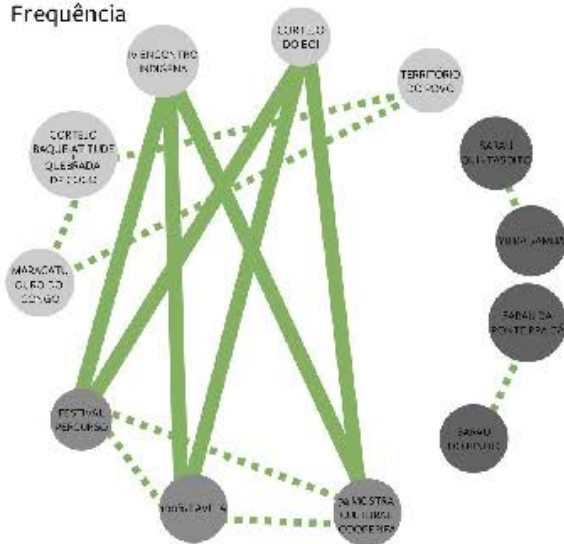
—— Os Cortejos Encontro Indígena e Território do Povo são “próximos”.

Como desenvolvimento previsto desta pesquisa, as hipóteses de leitura sugeridas acima, bem como as primeiras interpretações e inferências delas derivadas ou resultantes, devem conformar matéria de verificação, de discussão e aprimoramento no sentido de se oferecer como provocação conceitual, legitimada pela discussão coletiva, para a elaboração do projeto da nova unidade do Sesc.

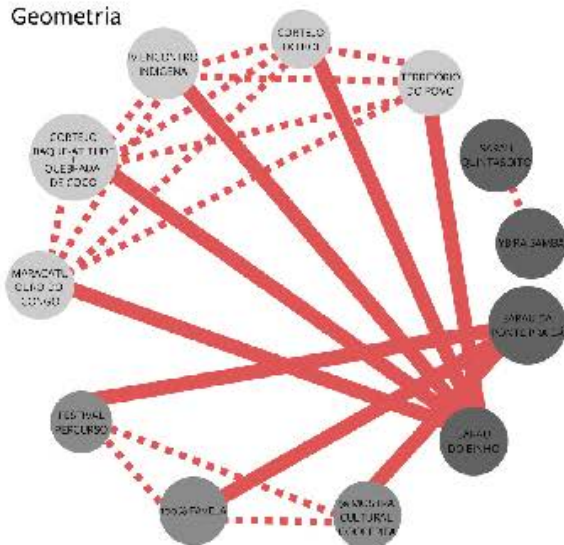
Dimensão



Frequência

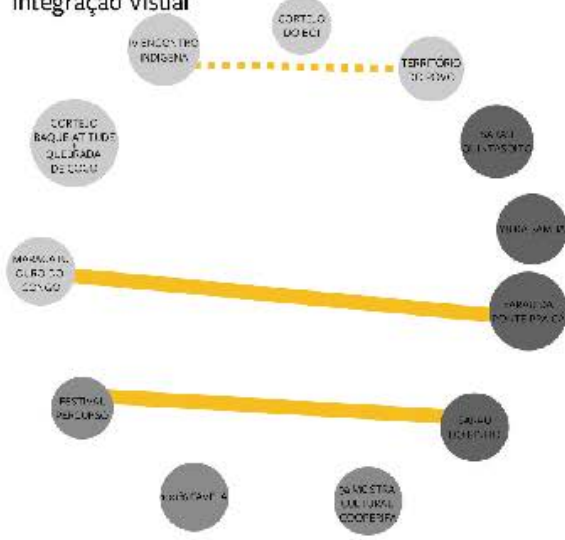


Geometria

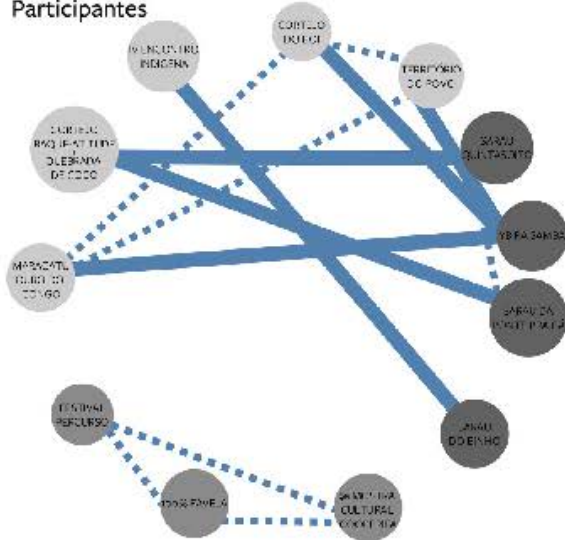


- proximidades internas ao grupo tipológico
- proximidades externas ao grupo tipológico

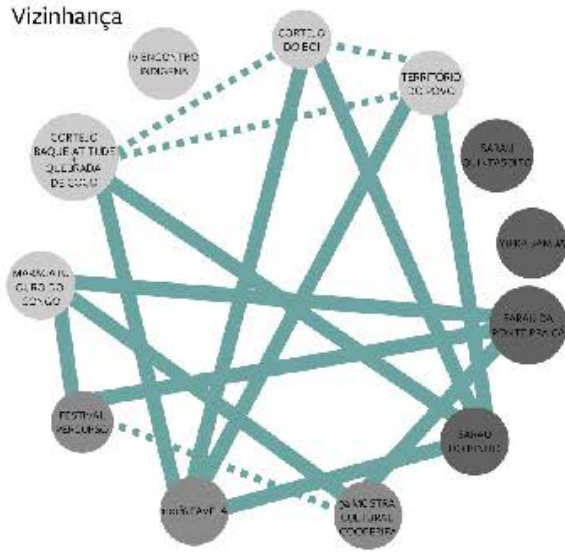
Integração Visual



Participantes



Vizinhança



proximidades internas ao grupo tipológico - - - - -
 proximidades externas ao grupo tipológico ———

EXPOSIÇÃO: ESTUDOS PRELIMINARES

conceituação

A exposição proposta aqui se configura enquanto parte integrante do processo de pesquisa sobre as Territorialidades Culturais no Campo Limpo, visando a divulgação dos resultados obtidos até a presente etapa. Após etapas de exploração do território, das práticas culturais e de dados quantitativos geográficos e sociais, foram realizadas análises, balanços e cruzamentos que pudessem reduzir o material produzido a algumas distinções centrais. A exposição permite colocar em forma de argumento e narrativa o material produzido pela equipe e publicitar essa leitura. Com isso, espera-se colocar em debate o tema da relação dos produtores culturais com o espaço que ocupam e inspirar a instalação da unidade definitiva do Sesc no Campo Limpo.

A exposição foi concebida para ficar exposta na unidade do Sesc Campo Limpo, de modo que possa ser visitada por qualquer frequentador da unidade. Para os moradores do bairro e especialmente para os produtores culturais que acompanharam e subsidiaram a pesquisa, será uma oportunidade de apresentar as associações, cruzamentos e análises realizadas a partir do estudo sobre o território e da pesquisa de campo. Para o frequentador habitual ou eventual do Sesc, a exposição servirá para compartilhar uma etapa chave na história da unidade e o esforço da instituição de compreender e se relacionar com o território já existente.

A estrutura narrativa que se pretende desenvolver tem como parâmetro a sequência das etapas da pesquisa “Campo Limpo: Cartografia das Territorialidades Culturais”: 1. Plano de Trabalho; 2. Constelações; 3. Rede; 4. Tipo e; 5. Grid. Sua estrutura foi pensada em painéis com uma grade em que estarão dispostas as informações, de forma a permitir maior fluidez na leitura. A exposição será feita com as mesmas referências gráficas do relatório, para que seja criada uma identidade entre os produtos. O foco, entretanto, será centrado em produtos de imagem e textos curtos e representativos das ideias apresentadas. Com a exposição, espera-se apresentar uma proposta de reflexão sobre o território e seu uso e um levantamento tipológico de manifestações culturais e os significados a elas atribuídos.

Textos para exposição

trechos	fonte	objetivo/observações
<i>De que recursos dispõe [...] um coletivo para afirmar um modo próprio de ocupar [...] o espaço público, de cadenciar o tempo comunitário, de mobilizar a memória coletiva [...], de criar laço, de tecer um território existencial</i>	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 1	CHAMADA / CITAÇÃO (Peter Pál Perbart)
mediante um novo uso que não preexistia, próprio e original, mas que só nasce mesmo depois de ser posto em ato [...] valor de uso comum e coletividade.	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 1	DIRETA
tentativa de identificar, mapear e caracterizar possíveis espaços-tempos de produção da cultura, que se encontram (ainda) à parte do circuito institucional [...] identificar eventuais padrões físicos, técnicos e sociais de sua efetuação de modo que possam servir de subsídio (ou provocação) ao conceito e ao desenho da nova unidade do Sesc.	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 1 e 2	RELEITURA
a relação “dentro” e o “fora” é inevitavelmente assimétrica, isso passa pela possibilidade de ampliar a porosidade e a permeabilidade física e social da nova unidade, como meio para conectar (-se) (a) outras territorialidades ou modos de povoar o tempo (livre?).	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 2	INTRODUÇÃO DO OBJETIVO FINAL - TRADUÇÃO DA PESQUISA EM PROJETO / DIRETA
extrair deste mapeamento indicações relativas à disposição e configuração física dos espaços de operação, bem como dos mais variados fluxos que os permeiam e fazem funcionar, de modo que se possam sintetizar regularidades ou categorias — contextuais, escalares, formais — aptas a provocar conceitualmente a elaboração de projeto de nova unidade Campo Limpo do Sesc, no sentido de que esta não seja apenas um SESC “no” Campo Limpo (obviamente pressupondo todas as funções contempladas no programa geral das unidades), mas também “do” Campo Limpo	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 1 P4 - Tipos - Pag. 5	INTRODUÇÃO DO OBJETIVO FINAL - TRADUÇÃO DA PESQUISA EM PROJETO / DIRETA
captar e registrar a interdependência mútua entre forma (extensivamente estratificada, territorializada e codificada como espaço e narrativa) e força (intensivamente virtual, como potência de multiplicidade e diferença).	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 2	FORMA E FORÇA
o que se pretende nomear com o termo “Cultura”- noção elitista e um conceito antropológico refinamento e concepção ao coletivo, e não ao indivíduo. Manuela Carneiro da Cunha (2009) classifica o conceito antropológico de cultura como “esquemas interiorizados que organizam a percepção e a ação das pessoas e que garantem um certo grau de comunicação em grupos sociais”. A noção de cultura é adotada como uma forma consciente de escolha, negociação e produção e utilizada pelos grupos sociais para colocar sua identidade e demandar direitos. A noção de cultura realiza uma viagem de ida e volta.	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 3	NOÇÃO DE ARTE E CULTURA LIGAÇÃO COM REDES/ CITAÇÃO ENTENDER TROCA SESC - CÂMPO LIMPO/TERRITORIALIDADES CULTURAIS
enfoque nos atores e coletivos sociais, que elencam e promovem os aspectos que consideram mais apropriados de sua cultura, a pesquisa permite que se alcance um panorama rico da produção cultural no Campo Limpo.	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 3	FOCO DA PESQUISA ATORES
A partir da coleta e sistematização de dados pré-campo e in loco ● Reunião, sistematização e entrecruzamento das análises e informações urbanísticas (contexto), antropológicas / etnográficas (rede) e arquitetônicas (tipologias espaciais) em um processo de síntese que possa expressar as singularidades de cada territorialidade estudada e as operações que delas derivam ou que são possibilitadas por elas; ● Verificação de regularidades e dessemelhanças entre a configuração das diversas territorialidades, assim como de potencialidades e déficits que puderem ser aferidos dentro da lógica de seu funcionamento. Deste modo será possível extrair e explorar categorias de composições espaço-tempo que operam modos de cultura à margem de instituições segmentares no Campo Limpo.	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 4	RESUMO DO PLANO DE TRABALHO
constelação pode aqui ser entendida como um campo de forças cujos funcionamentos possíveis seguem uma forma não linear, se espalhando pelo tempo e pelo espaço (MAIER, 2012). As estrelas, assim como as territorialidades, existem: dadas ou construídas, de forma independente de quem as olhe. O observador ao olhar identifica um conjunto que ele julga conter relações, e esse conjunto se torna um instrumento-guia para o percurso (Ibidem). Portanto, o objetivo deste primeiro mapa — constelar — é dar a ver o contexto, a localização e as condições de inserção urbana dos espaços operados por cada territorialidade cultural que puder ser identificada como tal, descrevendo e analisando as lógicas e os fatores de acessibilidade, de proximidade e atração, ou de distância e afastamento relativo, que as presidem e as caracterizam.	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 6	CONSTELAÇÕES RELEITURA
rede é trama de ligações e passagens que conecta e articula, vincula e relaciona espaços e tempos, objetos, técnicas e discursos. para os fins desta pesquisa, rede é meio de transporte e tradução das e entre as diversas escalas (local, urbana, regional e metropolitana) e fluxos (de pessoas, de ideias, de ritmos, de narrativas, hábitos e condutas) que atravessam, arrastam, operam e dão sentido a cada territorialidade cultural. Interessa entender nesta etapa quais são as interações entre/em cada territorialidade observando a troca de informações e seus ritos atribuídos, tanto operacional/cotidiano, constante/perene quanto transitório/efêmero. Verificar quais são seus arranjos e, principalmente, a que escalas se referem.	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 10	REDE CITAÇÕES DIRETAS

Textos para exposição

trechos	fonte	objetivo/observações
<p>Gregotti (1975) propõe que “[...] o conceito de tipo tende a organizar a experiência segundo esquemas que permitam sua operabilidade (cognitiva e construtiva), reduzindo a um número finito de casos (enquanto esquemas mais ou menos amplos) a infinidade de fenômenos possíveis”.</p> <p>Daí poder-se falar também de uma estrutura formal, que se generaliza, se repete, mas também falar de séries tipológicas, o que implica reconhecer, no tempo histórico, o processo de inovação e transformação dos tipos.</p> <p>Trata-se de configuração (espacial dimensional, geométrica e construtiva) dos lugares (rua, praça, quadra, galpão etc.) onde se dá a produção cultural coletiva, propriamente dita.</p>	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 11	TIPO/ RELEITURA - DIRETO
<p>grid se apresenta aqui como possibilidade de integrar, num mesmo espaço articulado, vários tipos de informação (SAMARA, 2007). Identificação de regularidades que possa haver na combinação de fatos e fatores de inserção (constelação), de articulação (rede) e de configuração (tipo), que se pretende servir, ao mesmo tempo, à análise comparativa e à comunicação visual, encontra na figura e representação em grid seu meio e lógica de efetuação e expressão.</p>	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 12	GRID/ CITAÇÃO
<p>Assim, como numa matriz, o confronto e comparação das linhas devem permitir inferir padrões espaciais e funcionais, operativos e relacionais comuns, e, assim, resultar em espécie de indicadores gráficos para a síntese e construção das diversas categorias ou agenciamentos “típicos” que se mostrem compostíveis ou compatíveis (e não apenas imagináveis) com a configuração e o funcionamento da nova unidade Sesc.</p>	P1 - Plano de Trabalho - Pag. 12	GRID/ RELEITURA
<p>preparação técnica da equipe de pesquisadores no que se refere a uso de softwares de tratamento de dados, elaboração de mapas, desenho gráfico, além de palestras sobre procedimentos de pesquisa de campo próprios a disciplinas do urbanismo, da etnografia, da arquitetura e da psicanálise</p>	P2 - Constelação - Pag. 1	MÉTODO
<p>CONSTELAÇÕES serão sistematizadas, apresentadas e analisadas, tabelas, gráficos e mapas resultantes do primeiro levantamento de dados secundários, sobretudo referentes à socioeconomia e ao urbanismo, permitindo construir hipóteses e encaminhamentos para o desenvolvimento da próxima etapa. Esta etapa consiste em levantamento e mapeamento censitário preliminar do perfil socioeconômico dos segmentos populacionais presentes na região, além da descrição cartográfica da estrutura urbana da área de estudo do Campo Limpo. A partir da sobreposição descritivo-analítica das três camadas territoriais, observa-se:</p> <p>substrato físico e ambiental, constituído pelo relevo, hidrografia e sistemas verdes;</p> <p>rede de infraestruturas, composta sobretudo pelos sistemas lineares de mobilidade (viário e transporte público);</p> <p>formas de uso e ocupação do solo, distinguíveis por seus diversos padrões de combinação solo/traçado/edificação e as funções e usos públicos/privados correspondentes.</p>	P2 - Constelação - Pag. 3 e 8	CONSTELAÇÃO/ OBJETIVO REESCREVER DE FORMA MAIS PONTUAL
<p>encontro entre a equipe de pesquisa da Escola da Cidade, representantes do Sesc e figuras relevantes da produção cultural e de movimentos sociais da região - convidou representantes dos espaços e eventos da região, coletivos artísticos e políticos, além de representantes institucionais de escolas públicas, da igreja católica e da subprefeitura Campo Limpo - A divisão dos participantes em dois grupos, ocorrida de forma espontânea, acabou por separar, de um lado, participantes identificados como “Capão Redondo” e, de outro, como “Campo Limpo” (tema para um aprofundamento posterior nesta pesquisa).</p>	P2 - Constelação - Pag. 4	REDE/ DIVISÃO GRUPO REUNIÃO - INSERIR NA PARTE DE REDES - TERRITÓRIO, GEOGRAFIA SIMBÓLICO
<p>O que perpassa e dá conteúdo a estes sistemas é a superposição dos dados e informações cartográficas, quantitativas e estatísticas (sócio- econômicas). Assim, a leitura por camadas adquire consistência teórica e prática pela integração de ações e políticas. Por outro lado, o espaço de relações horizontais (interação que cada lugar ou atividade estabelece com todas as outras) é o que confere, em última instância, pertinência prática às diversas camadas territoriais seletivamente acumuladas a cada período histórico.</p>	P2 - Constelação - Pag. 29	RESUMO CRUZAMENTO DAS INFOS DE CONSTELAÇÃO/ APLICADA NO PROJETO
<p>diversos elementos componentes do sistema viário e de transportes ajudam a compor o quadro de acessibilidade do território (tal configuração evidencia a dificuldade de conexão dos bairros internos à malha estrutural), bem como verificar sua relação com a localização de espaços e eventos de produção cultural na área de estudo [pode- se observar que, tendo como origem as aglomerações de territorialidades culturais apontadas, as viagens de 30 minutos em transporte público “apenas chegam” até as marginais do Rio Pinheiros (“para lá da ponte”)].</p>	P2 - Constelação - Pag. 33	CONSTELAÇÃO INTERFERENCIA DA MOBILIDADE
<p>Sua aplicação para a malha urbana da área de estudo confirma a configuração hierárquica, resultando na emergência de duas sub- configurações: 1. integração (“go to”) e escolha ou acessibilidade (“go through”). O aspecto intensivo funda-se sobre a teoria do Space Syntax que parte da noção de “profundidade”, no sentido de que quanto mais “rasa” for a posição de um dado elemento (ponto, segmento) em relação aos demais, tanto mais “integrada” esta será (menor número médio de passos para se chegar de uma posição a todas as outras); e, no sentido inverso, logicamente, quanto mais “profunda” for esta posição, mais “segregada” ela se mostrará em cada campo de análise determinado (no caso da “Análise Gráfica de Visibilidade” ou VGA - Visibility Graphic Analysis— sempre uma gura convexa).</p>	P2 - Constelações - Pag. 34 P4 - Redes - Pag. 6	DEPTHMAP EXPLICAÇÃO

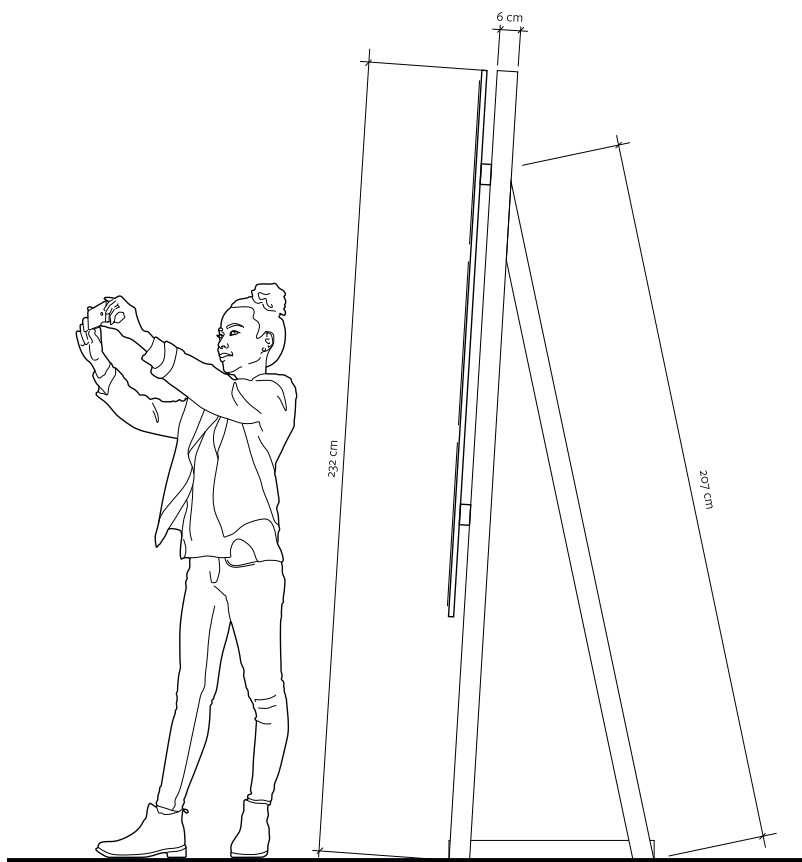
Textos para exposição

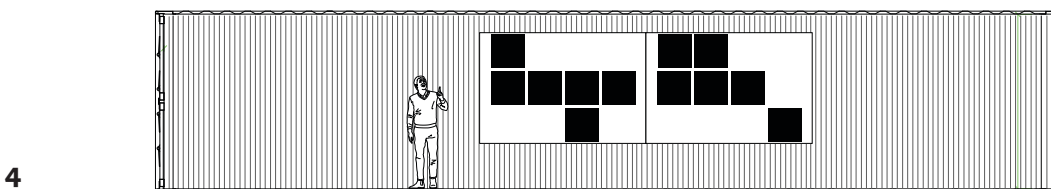
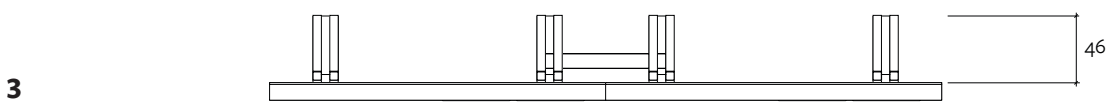
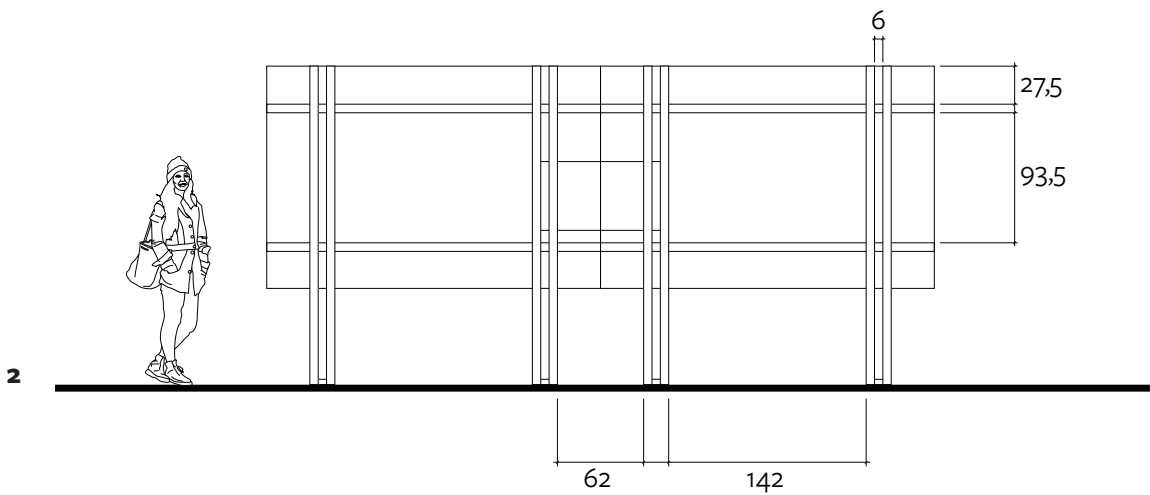
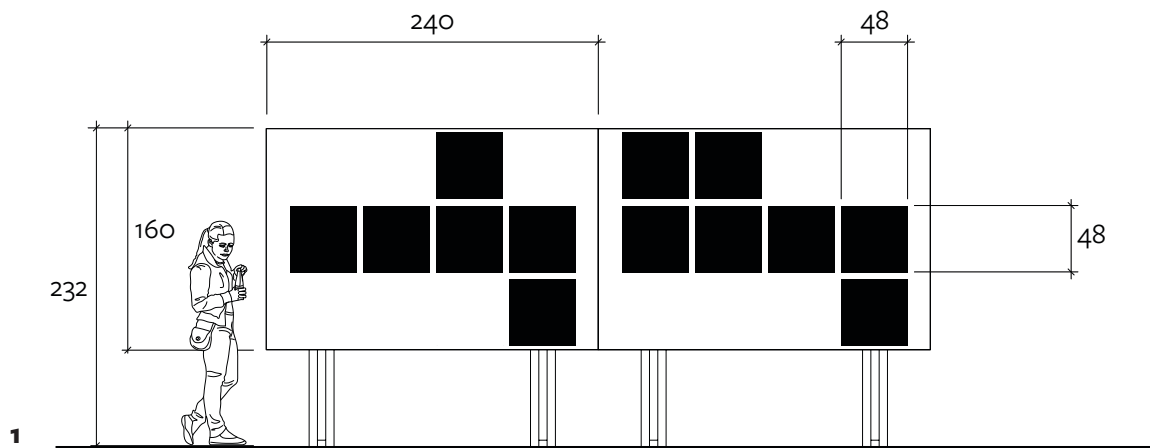
trechos	fonte	objetivo/observações
<p>classificação do território como Campo Limpo ou Capão Redondo. Essas denominações não dizem respeito a territórios estabelecidos geograficamente, mas são utilizados de forma relacional e simbólica para marcar algumas diferenças entre atores. O Capão Redondo foi reconhecido como um espaço de produção de cultura mais consolidado e longevo, enquanto o Campo Limpo ainda estaria em um momento anterior, associado a uma “ausência” de produção cultural, ou que necessitaria, nas palavras de um participante da conversa, de um “catalizador”. Apesar dos termos utilizados procurarem identificar territórios, foi possível entender que não possuem barreiras bem definidas, podendo em alguns momentos qualificar não o espaço, mas um tipo de relação estabelecida. denominação do território levando em conta sua carga simbólica.</p>	P2 - Constelações - Pag. 48 e 49	REDES OS BAIRROS GEOGRAFIA SIMBÓLICA
<p>Das diversas redes que operam no Campo Limpo (rede de escolas, rede de instituições de saúde, redes ligadas a religiões, etc.), a rede abordada nesta pesquisa se distingue por ser uma rede de produtores culturais que trabalham para o fortalecimento de uma identidade cultural própria local (Campo Limpo, Capão e Jardim São Luiz), com objetivo de fortalecer e retornar benefícios àquelas comunidades. Portanto, os produtores culturais do Campo limpo serão nossos pontos de partida para o entendimento dessa rede.</p>	P3 - Redes - Pag. 18	REDES
<p>O que conecta essas iniciativas é a ideia de valorizar a cultura local. No primeiro caso, no sentido de ter uma identidade própria, distinguindo-se da cultura “do outro lado do rio” (o centro da cidade). No segundo, o de reforçar a capacidade (e afirmar o direito) de produzir manifestações culturais que antes existiam apenas “do outro lado do rio”, e que agora se manifesta também no Campo Limpo.</p> <p>A rede é produzida de forma consciente o tempo inteiro, como forma estratégica de se colocar, é através da rede que se garante legitimidade das iniciativas culturais e também se divulgam eventos e se chama o público.</p>	P3 - Redes - Pag. 19	REDES CULTURA DE RESISTENCIA
<p>Ainda porque nessas transição entre modelos, os papéis de produtor de cultura e público (plateia) se misturam: são as mesmas pessoas que assumem os papéis de produtor e público, variando com o evento. Essa duplicidade de papéis é valorizada como forma de aumentar as potencialidades para a cultura na região</p>	P3 - Redes - Pag. 27	REDES AGENTES CULTURAIS E PUBLICO
<p>As portas abertas, mais que uma figura de linguagem para demonstrar acolhimento, são uma descrição dos espaços de reunião e produção de cultura. Portas abertas, portões destrancados, visibilidade das atividades e uma ocupação sonora são características comuns, que diluem o limite entre público e privado e criam momentos diversos na experiência que, ao se combinarem entre si, formam os espaços de referência de redes culturais no território. “Cheguei sozinha no Espaço Comunidade, uma casa com o portão aberto como convite para entrar, subi as escadas e sentei em uma das mesas na área da cozinha/bar, peguei meu caderno e fiquei desenhando. Como todos ali se conheciam, já sabiam que eu não era dali, mas a Ana, integrante de um dos grupos que iria se apresentar, veio falar comigo perguntando quem eu era e me convidando pra sentar perto dela e participar da roda de samba. Sentada no meio da roda, já todos que chegavam me cumprimentavam como se eu já fizesse parte do grupo dos conhecidos.”¹⁸</p>	P3 - Redes - Pag. 33	REDES CITAÇÃO RELATO
<p>o objetivo desta fase é mapear e sistematizar os TIPOS dos espaços (condições ou suportes físicos) onde se dá a produção cultural coletiva no território do Campo Limpo. A noção de tipo serve aqui, portanto, para identificar, caracterizar e agrupar, em séries pertinentes, as estruturas morfológicas da cidade e dos edifícios que, reconhecidas e enunciáveis em termos de geometria, dimensão e uso, constituem o(s) “lugar(es)” de operação cada territorialidade cultural. Trata-se de configuração espacial (sobretudo dimensional, geométrica e, também, funcional) dos lugares (rua, praça, quadra, galpão etc.) onde se dá a produção cultural coletiva, propriamente dita.</p>	P4 - Tipos - Pag. 3 e 4	TIPOS RESUMO FASE
<p>Em relação às primeiras, com dados coletados em campo (por meio de desenho, foto, entrevista) e provenientes de fonte secundária (web), referenciados em base cartográfica digital (MDC, PMS, 2010), foram extraídas informações quanto i) ao polígono de ação (área, pública ou privada, aberta ou fechada, tomada/utilizada por cada manifestação, em sua geometria e dimensão), ii) aos vetores ou eixos (ou circuitos) que a manifestação percorre, bem como iii) às funções estabelecidas no lote limpeiros a eles (vetores).</p>	P4 - Tipos - Pag. 5	DESCRIÇÃO DA FICHA
<p>A análise gráfica (visual e quantitativa) de cada situação individual interessa aqui menos de que a comparação entre elas, no sentido de fazer emergir regularidades e analogias que possam ajudar a construir uma categorização tipológica. Desde já uma primeira régua de medida é aquela que vai da menor (espaço privado, interno, fechado) à maior situação ou caráter de publicidade (espaço público, externo, aberto).</p> <p>A hipótese operativa — ou a opção metodológica — que se coloca é a da comparação e da extração de “padrões” (tipológicos) que dela puderem ser vislumbradas por analogia, proximidade ou regularidade da associação de “variáveis espaciais”, logo materialmente extensivas (geometria, dimensão, uso) e intensivamente relacionais (integração visual, conectividade, profundidade topológica e métrica).</p>	P4 - Tipos - Pag. 5 e 7	IMPORTÂNCIA DO TIPO

dispositivos

Dados os objetivos expográficos e a estrutura narrativa, duas hipóteses se colocam como possibilidades em valização

A primeira, prevendo a montagem de painéis em cavaletes, pensa-se na utilização de caibros de madeira pinus pregados entre si formando os pés e os montantes. Nestes últimos são fixadas duas ripas menores que estruturam a chapa de compensado onde são expostos as imagens e textos da exposição.





- 1. vista frontal - 1:50
 - 2. vista posterior - 1:50
 - 3. planta - 1:50
 - 4. inserção no container - 1:100
- cotas em centímetros

layout

constelações

“As **estrelas**, assim como as **territórios** construídos, de forma independente

constelações

“As **estrelas**, assim como as **territórios** construídos, de forma independente

[Text describing the layout and the concept of constellations]

territorialidades, existem: dadas ou
construídas, de quem as olhe”

territorialidades, existem: dadas ou
construídas, de quem as olhe”

[Text describing the layout and the concept of territorialities]

CONCLUSÕES E ENCAMINHAMENTOS

A presente etapa teve como principal objetivo a organização e análise comparativa dos dados já coletados, exigindo que as etapas anteriores fossem revisitadas. Recuperar os levantamentos e análises feitas nas primeiras etapas significava não apenas dar-lhes nova roupagem, mas refazer as conexões e associações devidas à luz dos novos dados coletados ao longo dos meses. Dessa forma, o grid proposto aqui condensa as informações coletadas ao mesmo tempo em que propõe novos arranjos e conexões. A produção do grid também foi feita com o intuito de propor formas de exposição dos dados aos produtores culturais e a toda a população do território, tarefa apontada aqui com as diretrizes para a exposição proposta ao Sesc Campo Limpo e que terá continuidade na próxima etapa. A exposição, embora ainda vá ser estruturada, já se apresenta neste relatório com o material gráfico e analítico que corresponde ao produto bruto que deverá compô-la.

A etapa seguinte, em que se irá retornar os produtos das análises à rede dos produtores culturais do Campo Limpo não consiste apenas na divulgação dos resultados, mas também em uma etapa importante de pesquisa, em que o conhecimento produzido seguirá em aprimoramento e atualização. Os resultados obtidos poderão ser colocados à prova e ao escrutínio dos habitantes do território e dos produtores culturais, a partir de suas próprias concepções sobre o que fazem. Espera-se que a recepção dos dados gere reações que, sejam de endosso ou questionamento, contribuam para o enriquecimento da análise. As estratégias de devolução - por exemplo, a exposição e o encontro - permitirão que os resultados sejam colocados em debate e se apresentem, ao final, não como a visão distanciada dos pesquisadores, nem tampouco como uma tradução fiel às concepções daqueles vistos como pesquisados, mas como algo entre os dois mundos, construído em diálogo. Nas próximas etapas a tarefa de mediação assumirá o protagonismo em duas medidas - entre equipe de pesquisa e rede de produtores culturais e entre resultados da pesquisa, demandas da instituição e projeto arquitetônico proposto pela equipe responsável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAMARA, Timoty. Grid: Construção e Desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou a Gaia Ciência – O olho da História, 3. Lisboa: KKYM + EAUM, 2013

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

EQUIPE ESCOLA DA CIDADE

PROFESSORES

Arqº. Pedro M. R. Sales (coordenação)
Arqº. Fábio F. L. Mosaner

ALUNOS ESCOLA DA CIDADE

Beatriz R. S. Dias , 4º ano
Felipe A. Brunelli, 4º ano
Lucas B. Rodrigues, 4º ano
Marília Serra, 6º ano
Marina D. L. Schiesari, 3º ano
Marina D. Bagnati, 5º ano
Pedro Henrique Norberto, 5º ano
Rebeca D. de Paula, 6º ano
Sabrina S. Sobreiro, 4º ano
Stella B. Tamberlini, 5º ano

CONSULTORES EXTERNOS

urbanismo Arqº. Pedro Vada
etnografia Antr. Me. Yuri B. Tambucci

EM ANEXO: EXERCÍCIO ACADÊMICO

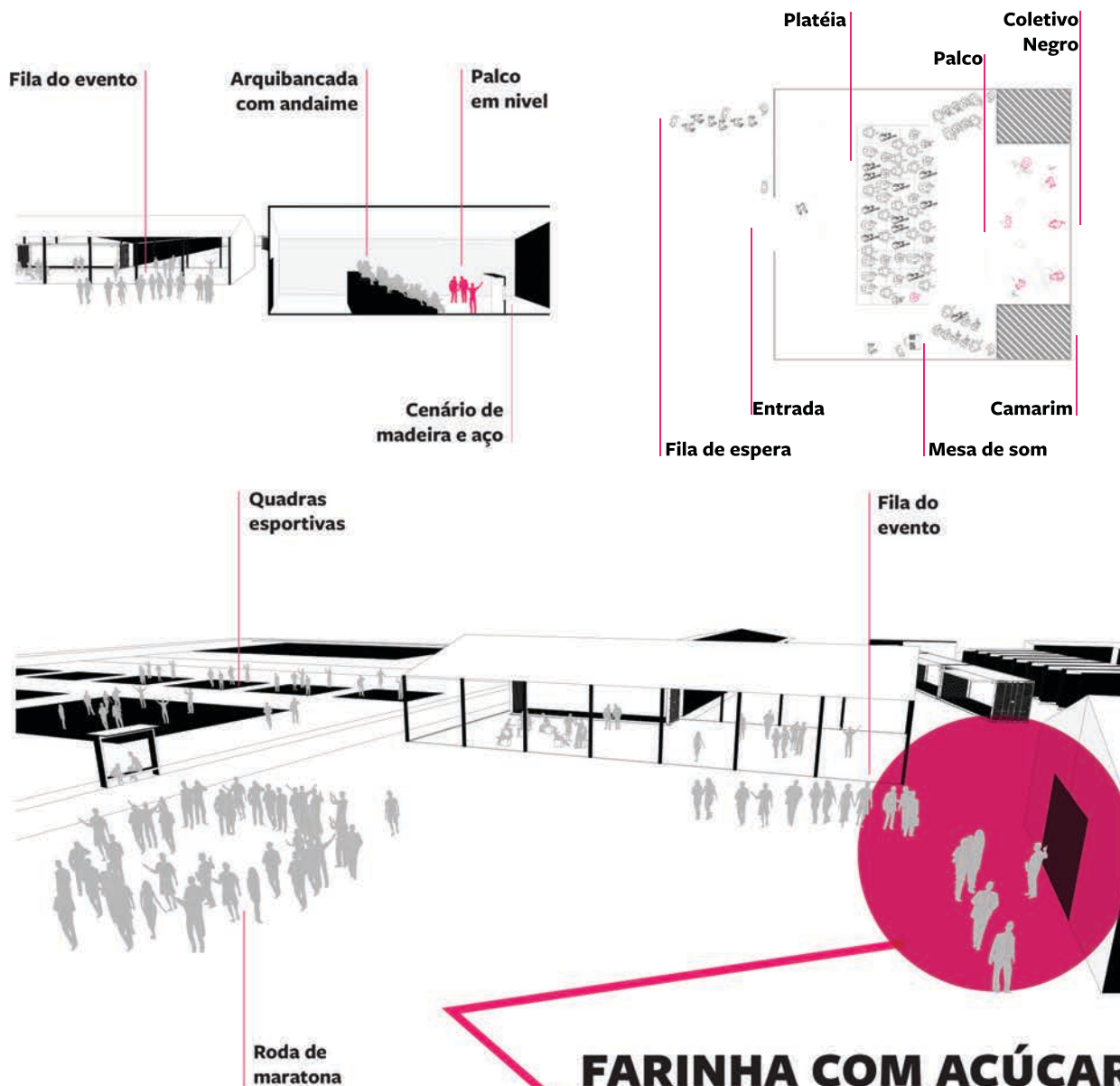
Na disciplina Estúdio Vertical ministrada pela Escola da Cidade, vem sendo realizado uma discussão, pelo grupo 01 - que conta com a participação de Marília Serra e Pedro Norberto do GPEC, e as estudantes Gabriela Duarte, Layla Kamillos e Sofia Boldrini - sobre a questão da relação entre pra quem se vai projetar e o projetista, como fazer uma aproximação sensível que pode ser traduzida de maneira prática para o projeto.

Para isso foi identificado e escolhido para uma análise crítica e registro do método aplicado na pesquisa para o Sesc, especificamente para a unidade do Campo Limpo. Uma metodologia interessante, complexa e com bastante embasamento sendo aplicada e testada que poderia ser discutida como método a ser aplicado antes de qualquer projeto, passada para o conhecimento de tantas outras pessoas como um exemplo de aplicação.

O método criado a partir da junção interdisciplinar envolve ensinamentos arquitetônicos, urbanísticos e etnográficos. Visando um conhecimento mais sensível e aprofundado da área em que se pretende projetar, entendendo de uma maneira como os habitantes já se relacionam com aquele espaço e como isso seria traduzido para um novo projeto que irá ser daquele local e não só naquele local.

A partir da (re)leitura das entregas feitas ao Sesc, disponíveis no site, cada participante fez seus entendimentos e observações sobre a pesquisa, com o objetivo de se fazer entendível a mais pessoas e podendo assim ser registrada de uma outra maneira, podendo ser lida de forma mais didática e prática. Para isso resolveu-se colocar em prática o próprio método de pesquisa em um novo evento no próprio Sesc Campo Limpo, e aplicar todas as fases descritas nos relatórios entregues.

Portanto a pesquisa foi aplicada em mais um momento, por novas pessoas, em um evento de teatro chamado 'Farinha com açúcar' no Sesc Campo Limpo. A fase Constelação e rede já abrangiam a área/o Sesc, portanto foram relidas e interpretadas pelos integrantes do grupo, que aplicaram a pesquisa de campo, com relatos, desenhos, fotos e entendimento da ocupação e dinâmica do evento para a criação da ficha - na fase TIPOS



FARINHA COM AÇÚCAR

R. Nossa Sra. do Bom Conselho, 120, Vila Prel

A peça "Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustança de Meninos e Homens", idealizada pelo Coletivo Negro (um grupo formado por atores-pesquisadores-criadores oriundos da Escola Livre de Teatro de Santo André e da Escola de Arte Dramática da USP que, desde 2008, se debruçam sobre a criação teatral) que, por meio de uma investigação cênico-poético-racial, questionam o imaginário construído em relação ao negro brasileiro e exploram a masculinidade negra periférica.

No dia 23 de Março, o SESC Campo Limpo recebeu o grupo que, no local da tenda/galpão ali existente, performou o espetáculo.

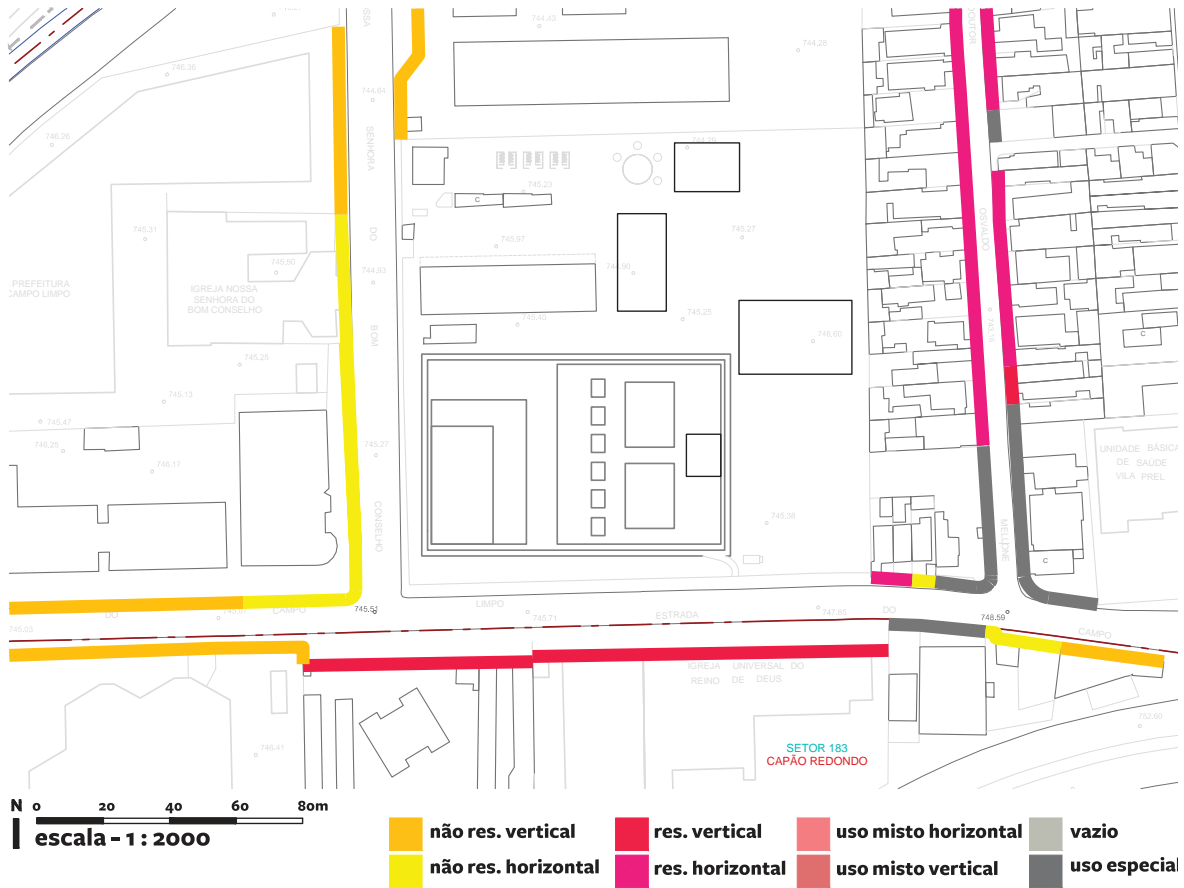
Ainda que tivesse suas limitações de estrutura, arquibancada estruturada a partir de andaimes, e localização, o evento apresentou capacidade máxima e a relação palco plateia se revelou, então, quase diluída, por tampouco haver palco.

Grande parte dessa plateia era formada por alunos do CIEJA, instituição convidada pelo SESC, e algumas pessoas do Coperifa.

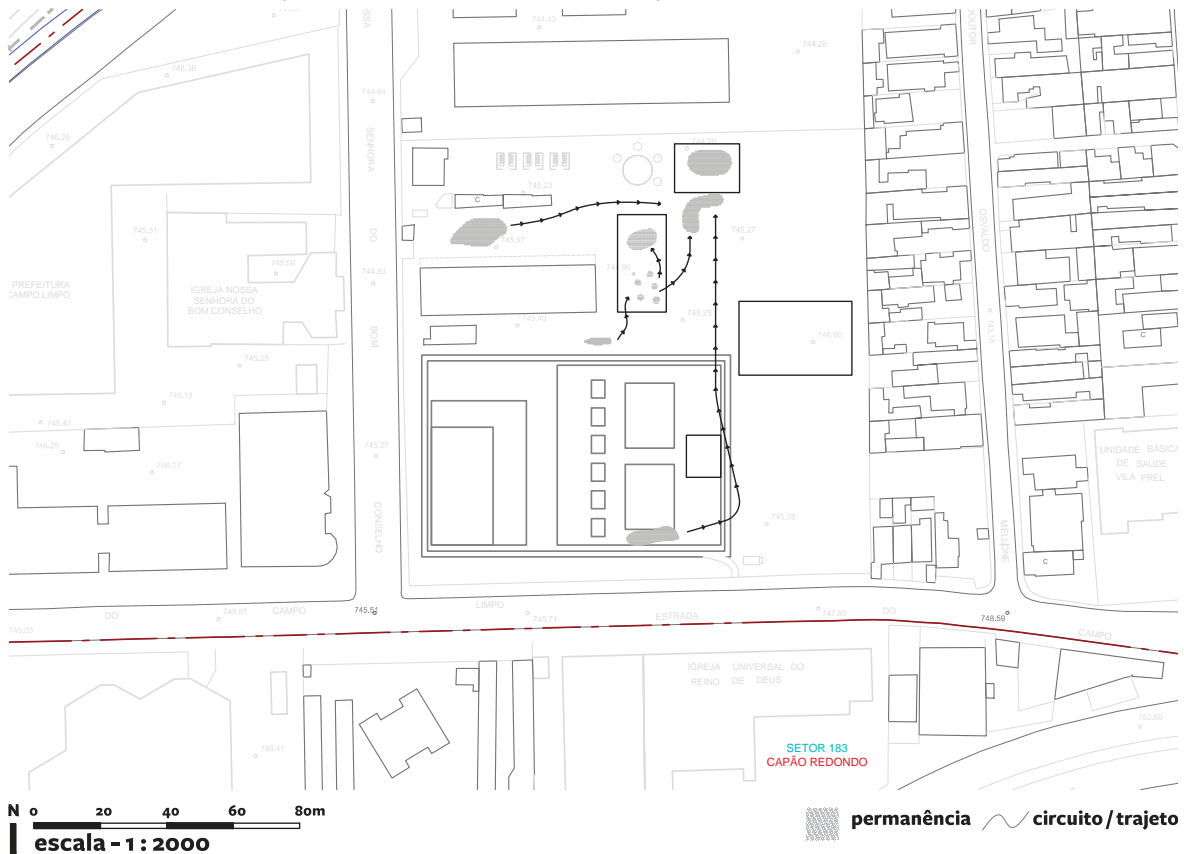
Ao longo da peça foram trabalhadas as questões sociais do cotidiano dos negros. A partir da criação de uma narrativa, que tinha como base os relatos de negros da zona Sul de São Paulo, abordava temáticas de racismo, violência doméstica e institucional, a questão da fome, dentre outras mais que se revelam inerentes a condição dessa parcela da população retratada na obra.

pessoas	área	hora	data
80	250m ²	20-21:30	23/03/17

USOS E GABARITOS - FARINHA COM AÇÚCAR



ÁREA DE OPERAÇÃO - FARINHA COM AÇÚCAR



PÚBLICO x PRIVADO - FARINHA COM AÇÚCAR

